



Marina Castinheiras Diuana

**Laço fraterno: Um estudo a partir da experiência
clínica no CTI Pediátrico**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2010



Marina Castinheiras Diuana

**Laço fraterno: Um estudo a partir da experiência
clínica no CTI Pediátrico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Denise Streit Morsch
IFF/FIOCRUZ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ___/___/2010.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Marina Castinheiras Diuana

Graduou-se em Psicologia na PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2005. Especializou-se em Psicanálise com crianças no Hospital São Zacharias em 2007. É psicóloga responsável pelo Centro Pediátrico da Lagoa e psicóloga clínica.

Ficha catalográfica

Diuana, Marina Castinheiras

Laço fraterno: um estudo a partir da experiência clínica no CTI pediátrico / Marina Castinheiras Diuana ; orientadora: Silvia Zornig. – 2010.

87 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Fraterno. 3. Fraternidade. 4. Constituição do sujeito. 5. Laço fraterno. 6. CTI pediátrico. I. Zornig, Silvia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD:150

Aos pacientes e familiares do Centro Pediátrico da Lagoa com quem pude
aprender muito sobre amor, solidariedade e amizade.

Agradecimentos

À professora Silvia Zornig, pela orientação, dedicação e carinho constantes. Agradeço muito pela oportunidade de mais uma vez ser sua orientanda e poder compartilhar contigo mais esta conquista;

À VRAc' pela bolsa de isenção, que me possibilitou cursar o mestrado;

À Denise Streit Morsch, pelo carinho de sempre e por ter me incitado a escrever uma dissertação sobre este tema. Agradeço a chance de termos trabalhado juntas e de você ter aceitado participar desta banca;

À Maria Inês Bittencourt, professora que me ensinou muito a respeito da clínica e de nossa responsabilidade no atendimento dos pacientes;

Aos meus colegas de mestrado, que me auxiliaram nesta trajetória acadêmica, especialmente à Nataly Mariz, Rebeca Goldsmith e Rebeca Nonato pela ajuda, amizade e cumplicidade neste momento;

À Dra Maria Júlia Barbosa, chefe do CTI do Centro Pediátrico da Lagoa, por tornar possível esta pesquisa e por me ensinar tanto a respeito da ética no cuidado com os pacientes.

Resumo

Diuana, Marina Castinheiras; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. **Laço fraterno: um estudo a partir da experiência clínica no CTI Pediátrico.** Rio de Janeiro, 2010. 87p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As relações fraternas, assim como a fraternidade tem sido objeto de estudo de diversos autores psicanalistas contemporâneos. O presente estudo tem como objetivo estudar a importância do laço fraterno na constituição do sujeito e quais são suas repercussões no ambiente intensivista pediátrico, tendo em vista que alguns hospitais realizam visitas dos irmãos às crianças internadas. É contemplada a importância da fratria na construção da subjetividade, além do valor da fraternidade e dos laços de amizade e solidariedade constatados a partir da experiência clínica e corroborado pelas discussões clínicas recentes.

Palavras-chave

Fraterno; fraternidade; constituição do sujeito; laço fraterno; CTI Pediátrico.

Abstract

Diuana, Marina Castinheiras; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Advisor). **Fraternal Bonds: A study based on the experience acquired in pediatric intensive care units.** Rio de Janeiro. 2010. 87 p. MSc. Dissertation. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Fraternal relationships among siblings as well as fraternity itself have been an object of study by many contemporary psychoanalysts. The objective of this study is to analyze the importance of fraternal bonds and its repercussion in the pediatric intensive-care environment, considering that some hospitals support children's visits to hospitalized siblings. This paper also addresses the importance of the fraternal relationships in the construction of subjectivity in addition to the value of fraternity, friendship and solidarity bonds which were observed from clinical experience and confirmed by recent clinical discussions.

Keywords

Fraternal; fraternity; subjectivity construction; fraternal bonds; pediatric intensive-care unit.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. O fraterno em psicanálise: estudos recentes sobre a importância do irmão na constituição do sujeito	14
1.1. O papel do Outro e do grupo fraterno na constituição Subjetiva	14
1.2. A importância do laço fraterno na constituição do laço social	24
2. O complexo fraterno e o aparecimento da fratria no dispositivo analítico	35
2.1. O complexo fraterno e a função do irmão no psiquismo	35
- Laços de parentesco, filiação e a relação entre as gerações	42
- A relação fraterna na clínica psicanalítica	45
3. Fratria e fraternidade: valorização dos laços de amizade a partir do vínculo horizontal	49
3.1. Análise do vínculo fraterno em um CTI Pediátrico: a Importância da fratria	49
Roberta e o medo de onipotência de seus impulsos agressivos	54
Yasmin e a tristeza pelo afastamento da mãe	56
Pedro: há lugar pra mais um no amor parental?	60
José e o medo da morte do irmão	61
Da hostilidade à ternura: solidariedade entre irmãos no CTI	64
3.2. A importância da fraternidade e do fraterno nas discussões psicanalíticas recentes	66
4. Considerações finais	74
5. Referências Bibliográficas	82
6. Glossário	87

*Mais do que máquinas precisamos de humanidade.
Mais do que inteligência precisamos de afeição e doçura.
(Charles Chaplin)*

Introdução:

A importância do casal parental na constituição do psiquismo foi objeto de estudo da psicanálise durante muitos anos. Desde os artigos escritos por Freud, o valor do investimento narcísico do outro se mostrava essencial na vida emocional do bebê e as marcas deste primeiro contato continuavam fazendo parte de seu mundo fantasmático por toda a vida. Embora esta perspectiva não possa ser desconsiderada por aqueles que trabalham na clínica, atualmente podemos perceber que psicanalistas como René Kaës, Maria Rita Kehl, Bernard Brusset, Françoise Dolto, dentre outros, passaram a se debruçar sobre o estudo das relações horizontais. Estas últimas se iniciariam dentro do núcleo familiar no convívio com os irmãos, já que a experiência de ser inserido em uma fratria faz com que a criança saia da lógica especular eu-outro para um diferente momento em que ela precisa reconhecer a alteridade.

A chegada de um novo membro da família costuma ser impactante para a criança mais velha. De repente, esta se vê obrigada a dividir com o bebê recém-chegado o amor dos pais, ao mesmo tempo em que precisa lidar com ciúme e a inveja, comuns neste momento. Lacan (1938), entretanto, observa que a idade do irmão mais velho traz consequências em seu comportamento, pois quando a criança já passou pelo complexo de Édipo, o bebê costuma ser adotado no plano das identificações parentais e por isso não representa uma ameaça. Os autores que discutem este tema, todavia, reconhecem que a chegada de um irmão aguça a inteligência da criança, pois faz com que ela questione os determinantes sexuais, ou seja, faça perguntas sobre a forma como os bebês são concebidos. Além disto, a relação entre irmãos é um importante caminho em direção aos vínculos sociais, já que a criação do laço fraterno impõe um limite ao narcisismo da criança e impede o aniquilamento do outro.

Autores como Kehl, Birman e Costa apontam também para a importância do resgate da fraternidade, tendo em vista que as relações horizontais não dizem respeito apenas a irmãos que compartilham a mesma consanguinidade. Ao contrário, hoje é possível perceber grupos de amigos, primos, que mantêm entre si uma relação fraternal, pois compartilham laços de amizade e solidariedade.

O presente trabalho surgiu a partir de um questionamento sobre a importância das relações fraternas na constituição do sujeito, principalmente em situações de doença e internação de crianças pequenas.

O papel das relações entre pais e filhos e dos vínculos objetivos precoces para o desenvolvimento infantil tem sido objeto de estudo de diversas correntes psicanalíticas. Porém, a importância das relações horizontais e fraternas vem sendo cada vez mais enfatizada no campo teórico contemporâneo, provavelmente em função das modificações nos arranjos familiares e da necessidade de ampliar o estudo sobre novas possibilidades de subjetivação.

A pesquisa teórica sobre a importância do fraterno e da fraternidade na clínica psicanalítica e a experiência clínica no CTI Pediátrico tornou imprescindível a necessidade de validar não apenas as relações fraternas, mas também as relações horizontais estabelecidas entre os pacientes internados e outras crianças próximas de seu convívio familiar.

No hospital onde trabalho, são realizadas visitas dos irmãos aos pacientes internados no CTI Pediátrico. O medo da criança internada diante do ambiente hostil do universo intensivista e a preocupação do irmão que fica em casa, normalmente excluído das conversas sobre o estado de saúde da criança enferma, demonstravam a necessidade da visita como uma medida terapêutica, já que permitia que os irmãos resgassem seus laços de amizade e o universo lúdico; e ao mesmo tempo profilática, uma vez que era muito comum o relato dos pais de que a criança que estava em casa sofria com algum distúrbio psicossomático em decorrência das preocupações concernentes à internação do irmão.

Decidimos estudar a importância da relação fraterna dentro do CTI Pediátrico. Em um primeiro momento, seriam contemplados apenas irmãos que faziam parte da mesma família, independente de serem filhos do mesmo casal ou adotivos. No entanto, ao longo do estudo, pudemos constatar que muitas das crianças internadas mantinham relações fraternais com outras pessoas próximas como, por exemplo, um primo que era muito presente ou um amigo com quem a criança tinha um convívio bastante intenso. As discussões acerca da fraternidade e o conceito de “Complexo Fraterno” de René Kaës também foram importantes elementos norteadores deste trabalho, já que segundo Kaës o complexo fraterno é

uma formação inconsciente a qual estamos submetidos independentemente de sermos filhos únicos ou não e por isso o irmão (real ou imaginário) seria tão importante, pois as relações horizontais são fundamentais em nossa constituição subjetiva.

No primeiro capítulo discutimos o papel do Outro na constituição do sujeito, tendo em vista que é a partir do investimento narcísico dos pais que a criança poderá se apropriar de sua história e ser introduzida na cadeia simbólica. No entanto, questionamos o quanto o surgimento de um irmão neste primeiro momento, onde a criança ainda precisa lidar com questões narcísicas e de escolha de objeto, é impactante. Recorremos ainda ao texto freudiano para compreender quais as suas observações acerca da importância da temática fraternal, além de apontarmos para as dificuldades primitivas da criança mais velha em acolher este irmão que ocupa um lugar no cotidiano doméstico e no amor parental.

Ainda neste capítulo apontamos para a importância da relação fraterna na constituição do sujeito, já que quando a criança é inserida na fratria ela passa a lidar com a perda da exclusividade do amor parental, ao mesmo tempo em que precisa superar o desejo de aniquilamento do outro. Após este momento onde a inveja e o ciúme prevalecem, a criança, com o auxílio dos pais, pode reconhecer a alteridade e a importância do irmão, o que será fundamental em sua caminhada rumo aos vínculos sociais.

No segundo capítulo discutimos o conceito de “complexo fraterno” de René Kaës, além de pensarmos na função do irmão na constituição psíquica. Os laços de parentesco, a filiação e a relação entre as gerações também são contemplados, já que quando consideramos o tema da fratria é interessante que haja uma análise mais complexa, onde além da relação dos filhos com os pais, seja também considerado o modo como o sujeito compreende o reconhecimento de sua alteridade por seus próprios pais. Além disto, a valorização da relação particular entre as gerações também permite que se compreenda na clínica como os próprios pais do paciente se comportavam em relação a seus irmãos e quais são estas consequências na forma como eles entendem a fratria.

A relação fraterna também aparece na clínica psicanalítica, pois autores clínicos afirmam que a importância da dimensão horizontal surge frequentemente no discurso de seus pacientes e também na relação transferencial. Esta perspectiva mostra-se interessante, já que o analista pode ser colocado na posição de irmão

pelo paciente e precisa estar atento à limitação de conceber a transferência unicamente em sua dimensão parental.

No terceiro capítulo são utilizados fragmentos clínicos colhidos a partir da visita dos irmãos às crianças internadas no CTI pediátrico, onde trabalho. É importante ressaltar que tais fragmentos foram escolhidos por representarem diferentes questões surgidas a partir do discurso das crianças e que corroboram as teorias anteriormente explicitadas. Sendo assim, questões como o surgimento de distúrbios psicossomáticos na criança mais velha a partir da internação do irmão, o aparecimento da rivalidade e do ciúme, além da constatação dos laços de amizade e solidariedade entre os irmãos, são contempladas nestes exemplos provenientes do meu campo de atuação.

Ainda neste capítulo contemplamos a importância da fraternidade nas discussões psicanalíticas recentes, já que esta não se resume ao campo da família. A ênfase na experiência da fraternidade revela uma rede de solidariedade e de solidificação dos laços de amizade que são fundamentais na constatação de que é preciso voltar-se para o outro, na medida em que é este encontro com o outro que faz com que nos reconheçamos como insuficientes diante de nossos semelhantes.

A aliança fraterna possibilita assim que se produzam campos identificatórios através da produção dos laços sociais e, neste sentido, refletimos aqui sobre a função dos pares na constituição subjetiva e na sua importância diante de um novo enfoque possível na clínica contemporânea.

1

O fraterno em psicanálise: estudos recentes sobre a importância do irmão na constituição do sujeito

1.1.

O papel do Outro e do grupo fraterno na constituição subjetiva

A importância do investimento narcísico dos pais para a constituição do sujeito foi objeto de estudo de grande parte dos psicanalistas durante décadas, tendo em vista que desde Freud a importância do complexo de Édipo e o complexo de castração direcionavam os estudos acerca da sexualidade e apontavam para o papel dos cuidadores essenciais no desenvolvimento emocional primitivo, privilegiando assim um eixo vertical de transmissão pais- filhos.

Atualmente, entretanto, autores como René Kaës, Maria Rita Kehl, Bernard Brusset, Françoise Dolto, dentre outros, publicaram trabalhos voltados para o estudo das relações horizontais. A importância do irmão na constituição do psiquismo também tornou-se objeto de observação destes autores contemporâneos que afirmam que a relação fraterna exerce um papel fundamental na construção da subjetividade.

Através do meu trabalho clínico como psicóloga, realizado no CTI Pediátrico de uma clínica particular da cidade do Rio de Janeiro, pude constatar o papel fundamental das relações horizontais na constituição do sujeito, tendo em vista que durante as visitas dos irmãos ficou clara a importância do laço fraterno tanto para o paciente internado quanto para o irmão que ia visitá-lo.

No espaço onde trabalho, são realizadas visitas dos irmãos às crianças internadas. A partir da realização destas visitas, pude perceber que a internação de uma criança não traz questionamentos somente à criança hospitalizada, mas também inclui aquele irmão que está em casa e sofre as conseqüências psíquicas da internação. Para o paciente, a internação gera medo, ansiedade e angústia, tendo em vista que o CTI é um lugar hostil, onde procedimentos dolorosos são necessários e a imposição de horários restritos de atividades suscita uma quebra da rotina da criança e um afastamento de seu universo lúdico. Ao mesmo tempo, o irmão que está em casa sofre com a ausência momentânea dos pais e com as dúvidas quanto ao estado de saúde do irmão enfermo.

Observamos através da experiência clínica, que quando o irmão mais velho encontrava-se em um momento anterior ao Édipo, era frequente que ele apresentasse alguns distúrbios psicossomáticos após a internação do irmão mais novo. Esta reação parece estar relacionada às fantasias agressivas e de destruição do irmão, comum nos casos de ciúme que ganhavam uma dimensão real, o que muitas vezes levava a criança a supor que seus desejos de destruição do irmão enfermo tinham enfim se concretizado. Nesta concepção, propiciar a visita dos irmãos foi de grande valia, pois ao mesmo tempo em que a presença do mais velho facilitava o resgate da dimensão lúdica, dos laços fraternos e do universo extra-hospitalar por parte da criança internada, para a criança que estava em casa esta visita também era necessária, pois permitia o reconhecimento do real estado de saúde do irmão e auxiliava na desconstrução de fantasias de agressão onipotente que poderiam gerar culpa, medo e preocupação.

Ao mesmo tempo, foi possível perceber que o vínculo fraterno também permitia que os irmãos resgatassem laços de solidariedade e companheirismo, muitas vezes fortalecidos após as visitas realizadas no CTI Pediátrico.

No entanto, a importância de se valorizar o laço fraterno só é possível através de uma primeira análise acerca da necessidade de investimento narcísico dos pais sobre os filhos. Estes fazem parte do imaginário dos pais mesmo antes de nascer, e neste sentido, é imprescindível que haja um arranjo simbólico que sustente esta relação e garanta à criança a possibilidade de ser investida narcisicamente por seus cuidadores essenciais.

Winnicott (2002) ao discorrer sobre as origens do indivíduo postula que “o início das crianças se dá quando elas são concebidas mentalmente” (p.43).

Bernard Golse (2004) reforça o argumento Winnicottiano ao sugerir que a criança tem uma história que antecede o seu nascimento. O autor coloca que “o bebê chega a um mundo novo onde já há, antes dele, linguagem e pensamento” (p.16). Desta forma, para que o bebê se aproprie desta linguagem e pensamento que o precedem, ele precisa de seu corpo, de seu ambiente e de uma inscrição em uma história que se faz crescente a cada dia através do discurso parental.

O autor aponta que há entre o adulto e o bebê um “espaço de narrativa”, onde o corpo e o comportamento do bebê “contam” algo de sua história interativa precoce e onde os adultos revivem a criança que foram, que temem ou que creem terem sido. A partir desta relação constrói-se uma nova história onde “o corpo do bebê é o principal narrador, o principal recitante” (p.35).

O bebê nasce com uma história que está pré-arranjada para ele: a de sua linhagem e do desejo parental. Neste sentido, a espera do bebê traz uma modificação no psiquismo dos pais, tendo em vista que através da construção de uma imagem idealizada e da criação do seu bebê imaginário, o casal tem a chance de dar à sua própria história um novo significado.

O investimento narcísico dos pais ratifica a importância do desejo parental, haja vista que o nascimento psíquico do bebê tem como entorno a organização psíquica daquele que representa seu Outro primordial. O Outro tem um papel fundamental na constituição do sujeito, na medida em que é o Outro que introduz o sujeito na cadeia simbólica, na ordem da cultura (ZORNIG, 2008).

De acordo com a teoria freudiana, a atitude afetuosa dos pais para com os filhos é uma revivência e uma reprodução do seu próprio narcisismo. Freud (1914) postula que a supervalorização domina sua atitude emocional e por isso os pais se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho e ocultar todas suas deficiências. Além disso, o autor coloca que os pais sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios abandonados por eles. Freud afirma:

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão abrogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação- ‘Sua majestade o bebê’ (p.98).

A criança concretizará sonhos que os pais jamais realizaram e o amor que nutrem pelo filho pode ser entendido como uma forma de renascimento do seu próprio narcisismo. Entretanto, ao passo em que a criança cresce, os pais deixam de representar a única autoridade e a fonte de todos os conhecimentos e o filho utiliza-se de uma atitude crítica para compreender que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus.

Os impulsos da rivalidade sexual contribuem para que isso aconteça. Como há ocasiões em que inevitavelmente a criança é negligenciada, a sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na idéia mais tarde lembrada conscientemente, a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta.

A teoria freudiana aponta que o estágio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais pode ser descrito como o “romance familiar do neurótico”. Trata-se de uma atividade imaginativa que emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares.

Freud (1909) aponta que em um primeiro momento a criança entrega-se à tarefa de substituir os pais por outros de melhor linhagem e em um segundo momento, quando conhece a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais, o romance familiar sofre uma restrição, já que se contenta em exaltar o pai, ao passo em que deixa de lançar dúvidas sobre sua origem materna, encarada como fato indiscutível.

Todavia, essas “obras de ficção”, aparentemente hostis, conservam a primitiva afeição da criança por seus pais, sendo a infidelidade e a ingratidão apenas aparentes. Dessa forma, nos romances imaginativos onde há a substituição dos pais, se examinarmos podemos ver que a criança atribui a esses novos pais qualidades que se originam das recordações dos pais reais. Neste sentido, o esforço da criança para substituir o pai verdadeiro por outro superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem do passado, onde o pai era “o mais nobre dos homens” e a mãe “a mais amável das mulheres”. Percebe-se então nessa fantasia a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da infância (FREUD, 1909).

As fantasias e desejos incestuosos dirigidos aos pais surgem em um momento em que a criança se dá conta da diferença entre os sexos. A representação inconsciente pela qual a criança exprime seu desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e sente hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo marca o complexo de Édipo.

O complexo de Édipo, ligado à fase fálica da sexualidade infantil, exprime a situação da triangulação entre a criança e seus pais. Sendo assim, o complexo de Édipo não é redutível a uma situação real, à influência efetivamente exercida sobre a criança pelo casal parental. A sua eficácia vem do fato de fazer intervir uma instância interditória (proibição do incesto) que barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo à lei (LAPLANCHE E PONTALIS, 2008).

A importância da fase fálica está ligada ao fato de que ela marca o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça de castração. Segundo Freud (1924), é essa ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização fálica da criança. O autor acrescenta que uma menina não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual, mas explica-a presumindo que em uma época anterior possuía um órgão tal como o masculino, mas que perdera-o por castração. Sendo assim, a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência. Contudo, a menina tenta obter alguma compensação pela ausência do pênis, como por exemplo, o desejo de que o pai lhe dê um bebê como presente. O autor então explica que o complexo de Édipo é abandonado gradativamente, tendo em vista que este desejo nunca se realiza.

Durante os primeiros anos da infância a criança necessita, assim, lidar com sua posição no complexo de Édipo e sua posterior dissolução. O encantamento pelo genitor do sexo oposto e a hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo pressupõe uma tomada de posição e um direcionamento em relação à descoberta da sexualidade. Somente após este primeiro momento, a criança entra no período de latência, onde voltará seu interesse para os vínculos sociais. Podemos compreender então, como a chegada de um irmão neste primeiro momento pode ser impactante para a criança mais velha, tendo em vista que esta ainda lida com questões narcísicas e de escolha de objeto, características da infância. O irmão surge então primeiramente como uma ameaça à exclusividade do amor dos pais,

ao mesmo tempo em que obriga o filho mais velho a se confrontar com a diferença e com a alteridade.

Na obra freudiana, embora a fratria não tenha sido tema de artigos específicos, a menção à importância do irmão para o psiquismo pode ser encontrada em diversos textos. Segundo Assoun (1998), há duas maneiras de abordar a temática fraternal em Freud, já que ela aparece em diferentes momentos em sua obra:

No plano diacrônico, quando nos damos conta de uma recorrência do tema e onde a questão da fratria está claramente implicada, de maneira às vezes precisa e em outras pouco acentuada; e no plano sincrônico, quando essas alusões remetem a redes clínicas e conceituais distintas, que são importantes ordenar.

Sendo assim, o primeiro nível de consideração tece a postura de uma criança junto a seus interlocutores no grupo fraterno e o segundo nível considera a relação própria com o grupo, através do laço singular formado entre os irmãos.

Freud representa a irrupção de um hóspede indesejável na casa, tendo em vista sua prática clínica. Na discussão do “caso Goethe”, o autor aponta que a reação ao nascimento do irmão, quando a criança mais velha tinha quatro anos, foi a transformação deste em um jovem obstinado, indócil, que desafiava sem cessar a severidade da mãe. Antes, esse jovem havia podido eleger a enfermidade como modo de reconquista do amor materno. Depois, com a chegada do irmão, o filho único se transformou face ao efeito da despossessão, em um dissidente irreduzível. Sua reação levava a crer que havia de recuperar sua saúde para exercitar sua agressividade, desta vez contra a mãe traidora e o irmão usurpador. Da mesma forma, o pequeno Hans utilizou o nascimento da irmã a fim de aguçar sua inteligência acerca do enigma sexual (ASSOUN, 1998).

Ao relatar o caso do “Pequeno Hans”, Freud (1909) afirma que o nascimento de sua irmã, Hanna, foi o grande evento de sua vida. O autor descreve a curiosidade de Hans ao ouvir os gemidos da mãe e, posteriormente, ao ver as bacias e outros recipientes sujos com uma mistura de água e sangue. É importante notar que a atenção de Hans sobre as bacias sujas e sua observação de que “não sai sangue do seu pipi” mostra seu interesse pela descoberta da sexualidade e sua desconfiança de que tudo que lhe parecia estranho se relacionava com a “cegonha”.

Hanna nasce quando Hans tem três anos e meio e sua chegada é experimentada pelo irmão com um intenso ciúme. O garoto fazia questão de menosprezar o encantamento dos adultos pela irmã dizendo que ela ainda não possuía dentes, como uma forma de demonstrar o quanto aquele bebê recém-nascido o incomodava. Ao perceber que a atenção da família, inevitavelmente, se voltava para a irmã, Hans adoeceu com uma forte dor de garganta. Após alguns meses, Freud relata que o ciúme fora superado, mas que a curiosidade acerca da diferença entre o seu órgão sexual e o da irmã se acentuaram, assim como sua dúvida de que havia algo oculto no fato dos adultos dizerem que as crianças eram trazidas pela cegonha.

Freud (1909) aponta para o desejo de Hans de que a irmã morresse para que ele pudesse desfrutar da exclusividade do amor materno. Após este episódio, relata que o menino continuou elaborando teorias para compreender o nascimento dos bebês.

A dificuldade de Hans em acolher a irmã recém-nascida é colocada por Mezan (1989):

Não é difícil ver que o nascimento da irmãzinha desorganizou o mundo afetivo do menino do pequeno, colocando-lhe o problema da origem dos bebês e o conflito emocional com o pai, que ao mesmo tempo lhe contara a mentira da cegonha e impedia seu acesso ao leito da mãe. A repressão da rivalidade com o pai engendra a angústia, que em seguida se enlaça com os cavalos, num mecanismo tipicamente fóbico (...) A vantagem inicial da fobia é evidente: ela permite ao menino não sair de casa e permanecer ao lado da mãe, ou seja, realizar seu desejo mais profundo. Mas em seguida demonstra o fracasso da solução repressiva e o tratamento analítico tem êxito em restaurar a saúde e o humor do pequeno Hans (p.190)

O conflito fóbico de Hans permitia, assim, esconder os ciúmes e o ódio contra a irmã, ao mesmo tempo em que mostrava o seu medo de ser punido por experimentar tais sentimentos. Entretanto, além do caso do pequeno Hans, outros casos descritos por Freud demonstram como experiências emocionais que envolvem os irmãos podem repercutir na vida adulta dos pacientes.

No caso do “Homem dos Ratos”, Freud (1909) afirma que seu paciente em determinado momento da análise confessou ter feito inúmeras investidas sobre a irmã mais nova, depois que seu pai faleceu. Segundo o autor, esta fantasia era experienciada com grande angústia, já que ele pensava que seu pai o castigaria se estivesse vivo e soubesse de seu desejo incestuoso.

Em “Estudos sobre a histeria”, Freud (1893-1895) relata o caso de uma paciente sua que sofrera durante muitos anos de obsessões e fobias que pareciam ter sua gênese na infância. Durante uma das sessões, Freud colocou a mão em sua cabeça e pediu que ela dissesse alguma palavra que viesse em sua mente. Após realizar este mesmo gesto algumas vezes, a paciente associou as palavras “porteiro”, “camisola” e “carroça” a um episódio que lhe aconteceu quando ela tinha dez anos de idade e sua irmã doze. Segundo ela, aos doze anos sua irmã fora levada amarrada para a cidade em uma carroça após um surto noturno.

Depois de algumas sessões de análise, Freud descobriu que a doença da irmã lhe causara uma impressão profunda, pois as duas partilhavam o segredo de que quando dormiam no mesmo quarto, ambas sofreram investidas sexuais de um mesmo homem. Após esta descrição, Freud afirma que a menção deste trauma sexual na infância da paciente revelou a origem de suas primeiras obsessões e o trauma que em seguida produziu os efeitos patogênicos.

O vínculo dos membros de uma fratria é suscetível à transformação ao longo do tempo. Com o crescimento dos irmãos, as atitudes experimentadas por eles sofrem transformações importantes. Ao contrário da “reconciliação com o pai”, que é posterior ao seu assassinato simbólico, no caso do laço fraterno deve-se pensar no efeito inverso: a reconciliação se produz para evitar o assassinato e o ódio fratricida. (ASSOUN, 1998).

O ato originário de assassinato do pai em “Totem e Tabu” (1912) descreve os sentimentos recíprocos de oposição ao pai entre os irmãos. Sendo assim, a passagem para um ato coletivo real originário mostra a origem de uma ordem familiar e a conseqüente formação do laço social. Assoun (1998) coloca que instala-se neste momento uma “fraternização”, já que sua existência se torna mais intensa depois do crime, quando os irmãos, que mediante o ato da violência originária acabam de eliminar o pai do grupo, podem, já reunidos, contar uns com os outros.

A organização dos irmãos, entretanto, requer o estabelecimento da proibição do incesto. Segundo Assoun (1998):

Como pode se ver, a vontade de viver junto dos irmãos, cujo vínculo de cumplicidade havia sido selado pelo parricídio coletivo, exige a instituição da proibição do incesto. Sobre a sepultura do pai, se elevaria o monumento fraternal, ao mesmo tempo em que o primeiro direito, dos “regulamentos totêmicos. Do pai aos irmãos se produz a passagem da lei para o regulamento.

O tabu do incesto será o fundamento do contrato entre os irmãos, o tratado de paz originário ou a cláusula simbólica da concórdia fraternal (p.109).

É possível compreender com a ajuda dos casos descritos que o nascimento de um irmão é um incentivo à curiosidade infantil, já que esta chegada pressupõe o questionamento da criança mais velha no que diz respeito ao enigma sexual. Na verdade quando a criança que ganha um irmão faz a pergunta: “De onde vem os bebês?”, na realidade ela está querendo dizer: “de onde vem ele (ela)?”, dirigindo-se ao personagem fraterno. Este enigma sexual faz com que a criança mais velha a investigue, ao mesmo tempo em que o status de competidores dos irmãos vão polarizar as relações com o objeto, impossível de repartir. Com o irmão, assim, a criança media a relação parental e compartilha um mesmo Outro, ao mesmo tempo em que, na fratria, vai aprender, em sua dinâmica inconsciente, o vínculo social (ASSOUN, 1998).

O primeiro ato da relação fraternal está marcado pela chegada de um outro que faz valer direitos que ao primogênito parecem pouco compatíveis com suas próprias exigências e que são inegociáveis. Assoun (1998) sugere que o complexo de Édipo se amplia e passa a ser “complexo de família” quando chegam outros filhos. Assim, o início da fratria marcaria a virada do complexo de Édipo e sua transformação em complexo familiar.

A ampliação da família tem, portanto, um alcance estrutural: a extensão do complexo de Édipo como complexo familiar. A chegada de um recém-nascido, desta forma, soa como uma notícia desagradável e que é vivida de forma mais decisiva e dramatizada quanto mais estreita é a diferença de idade entre os irmãos. Assoun (1998) aponta:

O “indígena” da família se comporta com todo o egoísmo que contém uma idade sem piedade e se revela pouco hospitaleiro com este estranho que repentinamente reivindica sua parte do território parental. Há aí um “prejuízo egoísta” que gera sensações de ódio (...) (p.26).

A criança destituída de seu lugar de filha única tem assim dificuldades em acolher este irmão que chega e ocupa um lugar no cotidiano doméstico e no amor parental.

Assoun (1998) chega a perguntar: “Como não odiar este alter ego supostamente gratificado (...)? (p.33)”, tendo em vista que o irmão presentifica o drama da desposseção do objeto.

A aparição do irmão tem, entretanto, um efeito benéfico: devido à desestabilização em sua comodidade doméstica, o irmão mais velho se vê empenhado em direção ao saber. Esta agressividade o leva à inteligência, já que a chegada de um “intruso” impulsiona o irmão mais velho a conhecer sua procedência, sua origem e tudo o que diz respeito a ele.

Após o complexo de Édipo, o menino pode tomar a irmã como objeto de amor, substituindo assim, a mãe infiel, ao passo em que a menina pode encontrar no irmão maior um substituto do pai ou tomar uma irmã menor como uma substituta do filho que desejou em vão com o pai (ASSOUN, 1998).

É importante notar assim, que o irmão desempenha um papel importante na constituição da personalidade, algo que vai além da batalha pelo amor parental. Segundo Rufo (2003), o outro permite a cada um se definir melhor pelo jogo das semelhanças e diferenças, já que viver na companhia de um irmão tem um papel particular na construção da personalidade, onde cada membro da fratria aprende a diferenciar-se dos outros.

As relações fraternas são construídas a partir de uma vivência comum de emoções sensuais, contatos de pele, odores, gostos e emissões de sons antes da aquisição da linguagem e a construção do pensamento oferece em seguida a possibilidade de compartilhar emoções psíquicas. Desta forma, ocorre a partilha da afetividade que faz com que as crianças sintam nas outras atitudes complementares. Percebe-se assim, que a fratria desempenha um papel primordial no desenvolvimento afetivo de cada um (RUFO, 2003).

1.2.

A importância da relação fraterna na constituição do laço social

As questões referentes à sociabilidade da criança remetem necessariamente à família, primeiro grupo social onde o indivíduo se insere. Neste sentido, é necessário também discutir a importância do irmão para o desenvolvimento do indivíduo, já que o irmão ao mesmo tempo em que pertence ao grupo familiar, também suscita no outro filho sentimentos conflitantes no que diz respeito à exclusividade do amor dos pais.

No texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938) destaca o papel primordial da família na transmissão da cultura, já que esta tem um papel primordial na educação precoce, na repressão das pulsões e na aquisição da língua, além de transmitir valores de comportamento e de representação aos seus membros. Ele acrescenta ainda que a família “estabelece entre as gerações uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental” (LACAN, 1938, p.31).

Lacan (1938) nomeia “complexo de intrusão” a experiência vivenciada pelo indivíduo quando este percebe que compartilham da sua vida doméstica um ou mais pessoas, ou seja, quando este se reconhece entre irmãos. Deste modo, o ciúme aparece quando o indivíduo reconhece que divide sua atenção com os demais. Ele, entretanto, postula que as investigações psicanalíticas sobre o ciúme infantil esclareceram seu papel na gênese da sociabilidade, já que o ciúme, ao invés de representar uma rivalidade vital, pode ser entendido como uma identificação mental. A teoria lacaniana aponta que o ciúme tem como pressuposto o reconhecimento de um rival, ou seja, de um “outro” como objeto.

A agressividade se demonstra secundária à identificação especialmente na situação fraterna, como mostra Lacan (1938). Contrário à idéia de que o ciúme surgiria diante de uma luta pelo seio materno, o autor coloca que o ciúme pode manifestar-se em casos onde o sujeito já está desmamado e por isso, não está em concorrência vital com o irmão. Tal exemplo demonstra que uma certa identificação com o estado do irmão é uma pré-condição para que o ciúme surja.

De acordo com a teoria lacaniana, o eu constitui-se ao mesmo tempo em que o outro no ciúme. Dessa forma, a introdução de um objeto terceiro requer que o

sujeito substitua a confusão afetiva e a ambigüidade espetacular pela concorrência de uma relação triangular. Lacan (1938) coloca:

Assim, o sujeito, que enveredou pelo ciúme por identificação, desemboca numa nova alternativa, onde se joga o destino da realidade: ou ele reencontra o objeto materno e se aferra à recusa do real e à destruição do outro, ou então, levado a algum outro objeto, acolhe-o sob a forma característica do conhecimento humano, como objeto comunicável, visto que concorrência implica simultaneamente rivalidade e concordância; mas ao mesmo tempo ele reconhece o outro com quem é travada a luta ou firmado o contrato – em suma, encontra simultaneamente o outro e o objeto socializado. (LACAN, 1938, p.49)

A concepção lacaniana, neste ponto, aproxima-se da freudiana, já que no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud afirma que a criança é forçada a entrar na relação fraterna com o irmão para não perder o amor materno. Assim, parece necessário cessar essa tentativa de destruição do outro para permanecer no campo amoroso materno.

O papel traumatizante do irmão, segundo Lacan (1938), constitui-se por sua intrusão. Entretanto, o autor faz uma interessante observação ao postular que o fato e a época do aparecimento do irmão determinam seu significado para o sujeito. Sendo assim “ a intrusão parte do recém-chegado e infesta o ocupante; na família, em geral, trata-se de um nascimento, e é o primogênito que desempenha, em princípio, o papel do paciente”(p.50). Lacan coloca ainda que a reação do paciente ao trauma depende do desenvolvimento psíquico do sujeito e aponta para a possibilidade do desenvolvimento de regressões, neuroses hipocondríacas e culpa obsessiva como reação à destruição imaginária do irmão. Todavia, se o irmão vier depois do Complexo de Édipo, ele será adotado na maioria das vezes no plano das identificações parentais e já não será para o sujeito o obstáculo ou o reflexo, mas uma pessoa digna de amor ou de ódio.

Brusset (1987) em seu artigo “El vínculo fraterno y el psicoanálisis” coloca que desde Freud, diversos autores indicam a importância do irmão e da irmã na história subjetiva infantil, apesar da ressalva de que geralmente a teorização enfatiza mais a relação com os pais. Do ponto de vista do desenvolvimento, o irmão ou a irmã constituem por sua própria existência, um obstáculo, uma limitação na relação que se pretende exclusiva com a mãe, com o pai ou com ambos a cada vez. Por esta razão, é para a criança fonte de interrogação sobre si mesma, a partir do que é para os seus pais. A criança tem uma apreensão de si

mesma através do outro, podendo ser uma experiência real ou virtual, passada, presente ou futura, mas também e correlativamente pelo lugar que lhe outorgam o pai, a mãe, os pais.

De acordo com o autor na clínica e na psicologia do desenvolvimento, dois casos particulares exemplificam este problema de maneira surpreendente: a da criança substituída por outra maior morta e o dos gêmeos.

No primeiro caso, a mãe que procura reencontrar seu filho morto a partir de outro, sofre por não poder reencontrar no filho que está presente, o irmão ou a irmã maior desaparecido cuja imagem é simultaneamente idealizada e investida na forma narcisista. A criança substituída, por sua vez, pode identificar-se com esta imagem e renunciar então a outras representações de si, aquelas que se vinculam a sua vida pulsional e que comprova que não foi investida por sua mãe.

Segundo Brusset (1987), não haver sido para a mãe um objeto pulsional leva a uma falta de investimento, uma repressão, incluindo um rompimento de toda uma parte da vida pulsional. O autor destaca ainda que estas perspectivas permitem dar conta de certas organizações depressivas ou de tipo “falso self”. Seria necessário então reconhecer a agressividade da criança, e a sua correspondente culpa que levaria a criança a crer nos aparecidos, nos espectros, na comunicação com os espíritos e às vezes, em certas práticas mágicas, e mais genéricas e a ser particularmente sensível ao fenômeno do duplo: impressão de estar desdobrado, de ter alguém detrás, de levar outro dentro de si e eventualmente o dever de ceder-lhe o lugar, o que origina condutas de fracasso incluindo a impressão de estar destinado a um fim trágico, uma morte prematura ou a cometer um crime.

Os gêmeos, de acordo com Brusset (1987), proporcionam uma eloquente expressão da natureza fundamentalmente dupla do ser, da reflexividade essencial do sujeito, da relação sujeito-eu, da relação eu-tu. O autor coloca que o caso dos gêmeos é paradigmático dos fenômenos ligados à aquisição tardia e progressiva do sentimento de identidade, da consciência, e do conhecimento de si. Ele afirma que a observação direta dos fenômenos de transitivismo e a clínica das relações fraternas mostram frequentemente as confusões de identidade e os mecanismos que tentam limitar seu alcance, como por exemplo, o narcisismo de pequenas diferenças tantas vezes evocado por Freud.

A ideia corrente de que necessariamente existe entre os gêmeos um que é dominado e outro que é dominante deve ser precisada, já que muitas vezes não somente o dominado não se percebe como tal e o nega contra toda a evidência, como aquele que domina se preocupa com o outro, tem maior necessidade desse outro. Desta forma, a relação de objeto fraterno se distingue das relações de objetos parentais pela projeção na proximidade de uma relação simétrica, próxima, inevitável, enfrentando diretamente o sujeito com a autoridade de um objeto que é simultaneamente um duplo de si e um estranho (BRUSSET, 1987).

O irmão é um semelhante e o enfrentamento com este outro comporta compromissos narcisistas consideráveis. Brusset (1978) afirma que se em princípio o irmão é situado pelos pais na mesma categoria, a definição dos lugares respectivos também é tarefa dos mesmos. O autor postula que eventualmente, cada um dos irmãos se encontra confrontado com a mentira, a hipocrisia, a ambiguidade, a contradição, a confusão das ações e das atitudes parentais. Acrescenta ainda que a clínica mostra o efeito destrutivo da estima de si, incluindo a situação da identidade dos lapsos, dos ouvidos, dos erros na imputação que realizam os pais das ações, das palavras, das atitudes. Ao mesmo tempo, as relações entre irmãos preservam a mãe idealizada e, neste sentido, Brusset (1987) coloca que pelo fato de assistir à amamentação de seu irmão, a criança percebe sua exclusão, sua despossessão. A perda do objeto, como a perda do seio, se reduplica pela indiferença de uma mãe que a criança experimenta como ausente para ele e como presente para o outro. Não tem a possibilidade de imaginar, como no caso de seus pais, que reunidos falam dele e pensam nele. Portanto, o desmame, a perda metafórica do seio, a ausência do objeto primário possuem nestes casos, certas particularidades que podem dificultar sua elaboração, mas tudo depende das vicissitudes das primeiras relações com a mãe.

Brusset (1987) afirma que esta mesma cena do rival que monopoliza a mãe pode significar toda perda de poder sobre ela e representa a perda da onipotência narcisista. A satisfação visível da mãe, graças à existência e a ação do outro, é então uma ferida que, segundo os casos, será causa de um sentimento de aniquilação, de depressão, de raiva impotente e pode provocar mecanismos de negação. A vivência persecutória, o ódio, as crises de raiva podem ocultar o vazio produzido pelo afastamento da mãe. Por outro lado, ele sugere que a chegada de um novo filho tem efeitos sobre a mãe que necessariamente entram em jogo. A

preocupação materna primária, segundo o autor, mesmo se possui maior intensidade no caso do primeiro filho, absorve o conjunto dos investimentos da mãe, que acaso perceba sua indiferença ou hostilidade a respeito dos outros filhos pode sofrer por eles. Nos casos em que o recém-nascido é causa de inquietude, e a depressão pós-parto não pode ser compreendida pelos maiores, estes se inclinam a atribuir-se a responsabilidade pela tristeza materna. Desta forma, a psicopatologia da rivalidade e do ciúme, segundo Brusset (1987) será mais bem explicitada tomando em consideração suas relações não só com a inveja primária, mas também com outros aspectos da relação primitiva com a mãe. Conclui-se assim que de acordo com o autor, embora o irmão ou a irmã seja um terceiro de todas as triangulações possíveis, objeto parcial ou total, eminentemente substituído segundo as necessidades da atividade fantasmática centrada sobre as imagens parentais, as noções triviais da rivalidade e do ciúme que inevitavelmente evocam as relações fraternas possuem uma intensidade e certas características que provém de sua relação com a imago materna primária e às vezes com os efeitos das reações da criança frente às mudanças produzidas na mãe pela espera e nascimento do novo irmão.

Na clínica, segundo Brusset (1978) pode ocorrer que a ênfase dada à dimensão horizontal das relações fraternas para opô-la à dimensão vertical das relações parentais aumente as resistências à análise e revele a intensidade dos conflitos inconscientes atualizados pela transferência materna ou paterna, quer se trate do Édipo ou das fantasias originais. Na teoria, a insistência na dimensão horizontal pode levar, explícita ou implicitamente, a um questionamento do caráter fundador do Complexo de Édipo e da universalidade das fantasias originárias um tanto variante da situação triangular, o que recupera a objeção culturalista à universalidade do Édipo, que seria substituído por um complexo nuclear característico de cada cultura.

A especificidade do vínculo fraterno na clínica familiar, em particular com relação ao lugar paterno, é discutida por Matus (2001) ao utilizar-se do texto de William Golging “O senhor das moscas”. O livro de William conta a história de um grupo de crianças, passageiros e únicos sobreviventes de um avião que cai em uma ilha deserta, em que somente a natureza oferece recursos para que eles possam continuar vivos. Durante a narração da história, mostra-se o conflito entre dois jovens na disputa pela liderança do grupo, um deles sendo mais democrático

e outro mais autoritário. Logo os meninos encontram o cadáver de um paraquedista a quem eles chamam de “o senhor das moscas”. Na busca pela autoridade, um dos meninos do grupo prima pela ordem, enquanto o outro deseja que não existam regras, quando por acidente, o garoto que dominava o grupo mais anarquista mata por engano um de seus colegas acreditando estar acabando com o “senhor das moscas”. Por conta desta história, Matus (2001) pensa em algumas questões acerca da lei e de como articular o lugar fraterno com o paterno.

Segundo a autora, há uma maior ambiguidade terminológica para definir o vínculo entre irmãos com relação aos vínculos de parentesco. Matus (2001) postula que o nome “vínculo de consanguinidade” para definir o vínculo entre irmãos deve ser questionado, pois a qualidade da consangüinidade não é exclusiva desta relação, já que as denominações propostas para os outros vínculos são de uma ordem diferente do que da consanguinidade. Propõe então, que cada um dos vínculos do átomo elementar de parentesco estaria atravessado pela qualidade vincular de aliança e consanguinidade, o qual articulado com o modelo psicanalítico remetia ao eixo amparo- desamparo ou narcisismo- castração.

Matus (2001) define três tempos para o vínculo fraterno: um primeiro tempo lógico de disjunção, anterior ao Complexo de Édipo, marcado pela consanguinidade e conotado pelo especular, onde o lugar do pai não está diferenciado da mãe fálica; um segundo tempo lógico de conjunção, caracterizado pela operação proposta desde o pai de que os irmãos sejam unidos, ao mesmo tempo em que há um registro da inevitabilidade da existência de um semelhante; e um terceiro tempo lógico de diferenciação, associado a uma negatividade do lugar paterno. Este último tempo está relacionado com a aliança fraterna que se realiza para produzir simbolicamente o assassinato paterno, e que implica na possibilidade de se fazer um pacto, deixando de lado as diferenças. Na medida em que está articulado com os arredores familiares, sua característica terá um sentido primordialmente negativo: o de dar e/ou ceder de acordo com a reciprocidade social.

Desta forma, existem três tempos na história do “Senhor das Moscas”. Matus (2001) avalia que sobressai em primeiro lugar a rivalidade fraterna, através da escolha dos chefes, onde um deles representaria a disjunção “ou um ou outro” enquanto que o outro seria portador da construção de um tempo de conjunção no sentido de que os irmãos fossem unidos. Ela afirma que o lugar da criança que

representa o líder mais democrático é o lugar da palavra e mostra a necessidade de sua circulação, enquanto que algo do terceiro tempo de diferenciação, de aliança fraterna é necessário para que eles não retornem ao primeiro tempo de assassinato e morte dos membros do grupo. Ao mesmo tempo, ela coloca que “o senhor das moscas”, como cadáver de um adulto, representava para aquelas crianças o pai morto. Sendo assim, a autora enfatiza o pacto denegativo dos irmãos na criação do totemismo e relaciona-o com o texto freudiano “Totem e Tabu” (1912), onde Freud descreve uma sequência que vai desde o assassinato do pai da horda até seu retorno como divindade, como mítico pai primordial.

Chegando a uma importante conclusão, Matus (2001) ratifica que se instalam em um só ato o complexo paterno e o complexo fraterno: o primeiro permitindo a inscrição da diferença geracional e o segundo, garantindo-a. A autora sugere que há dois tipos de legalidade para o fraterno: uma vertical, ligada ao mandado paterno, e outra horizontal relacionada com a auto-regulação do grupo de irmão ou de pares. Neste sentido, partindo da ideia de negatividade, a aliança fraterna se fundamentaria por um lado, em um jogo de uma lei representada pelo pai morto e pelo totem; e pelo outro, a aliança fraterna seria inerente a um vínculo horizontal – entre pares- que funcionaria como contrapartida da impossibilidade vincular, dita como velamento do vazio constitutivo vincular.

Resumidamente, as idéias de Matus (2001) dizem respeito à complexificação do consanguíneo e sua diferenciação do fraterno, à construção de três tempos lógicos para o vínculo fraterno, sendo eles: disjunção, conjunção e diferenciação, os quais mostram como uma significação com predomínio da consanguinidade dá lugar a outra onde predomina a aliança; à complexificação do vínculo fraterno a partir da idéia do pacto denegativo dos irmãos, onde surge a necessidade de diferenciação e articulação entre o complexo paterno e o complexo fraterno e inclusão do fraterno em termos de auto-regulação, de horizontalidade, propondo a existência de vários tipos de leis- vertical e horizontal- em simultaneidade.

A chegada de um irmão pode, assim, suscitar diferentes questionamentos na criança e mesmo dúvidas quanto a sua possibilidade de continuar sendo amada pelos pais em meio à euforia com a chegada do novo membro da família.

Entretanto, a forma como os pais lidam com o nascimento de outro filho contribui para que a chegada do irmão não seja vista como uma experiência aniquiladora pela criança.

Françoise Dolto, em seu livro “No jogo do desejo”, discute o caso de seu filho Jean, que somente a partir da possibilidade de expressar sua irritabilidade com o nascimento do irmão com um boneco que o representava, pôde realizar na fantasia a agressão que não podia infligir na prática, podendo a partir daí se tornar o irmão mais velho. Outro caso mencionado é o do menino Robert, na época com dois anos, que após o nascimento do irmão apresentava violentos distúrbios de caráter e uma agressividade perigosa em relação ao mesmo. A atitude da mãe deste menino a princípio era a de repreender veementemente seus impulsos agressivos e apontar para a necessidade dele gostar do irmão. Ao mesmo tempo, esta mãe, preocupada com alguma agressão real por parte de Robert, tratava o bebê de forma diferente quando ele estava por perto. Dolto então sugere que quando a mãe visse um gesto agressivo de Robert, em vez de culpá-lo, fizesse uma fala em “negativo”. Ou seja, que quando as pessoas elogiassem o bebê, por exemplo, que ela dissesse que não entendia como as pessoas podiam se interessar por um bebê tão pequeno que nada fazia. Ao mesmo tempo, Dolto pediu que a mãe comprasse para Robert um bebê de brinquedo e que não se importasse com o que ele pudesse fazer com o boneco, sugerindo que o menino talvez tivesse necessidade de um objeto transferencial sob a forma de um ser humano, para que ele pudesse se desvencilhar da sua necessidade de fazer mal ao irmão. Postula Dolto (1996):

Já que era normal que ele tivesse sentimentos hostis, pensava eu, mais valeria permiti-los: sua experiência seria menos perigosa, se ele não fosse obrigado a lutar contra um sentimento de culpa inculcado pelos adultos. Os instintos agressivos não têm meios de se transformar, mas apenas de se intensificar, quando não se expressam (p. 92).

Em relação a este caso, Dolto (1996) afirma que após algum tempo, o comportamento de Robert se tornou neutro em relação ao irmão. Ela coloca ainda que ao ouvir a mãe formular observações agressivas ou depreciativas sobre o bebê, Robert a contradizia, defendendo-o. Sendo assim, a observação da autora é a de que este caso foi patologizado em função do intervencionismo dos adultos, que

queriam impor ao irmão mais velho um comportamento social de amor positivo, antes de haverem permitido a sua personalidade integrar, sem perigo para seu equilíbrio, a noção afetiva de irmão.

Dolto (1996) recorda que o primeiro amor é o amor-identificação, sendo assim, a criança se identifica com o adulto, o que conduz à sua introjeção. Ela coloca ainda que até o nascimento de alguém mais novo, a criança nunca teve de sentir em si o mal-estar de precisar acolher a percepção de uma forma humana menos evoluída do que ela, assim como identificar-se com um objeto de atenção e de amor sentido como um entrave biodinâmico. Afirma Dolto (1996):

Quando aparece pela primeira vez no campo de sua afetividade alguém mais novo do que ela, e quando a criança se mostra positiva diante dele (como Jean, no início), essa tomada de contato acarreta necessariamente uma identificação, ou antes, um movimento interior, uma tentação de participação; esta irá necessariamente sublimar-se no modo libidinal da amância oral, modo fragmentário de incorporação-projeção que, quando se trata de adultos, mantém o narcisismo no sentido da progressão, mas que, nesse caso, leva o irmão mais velho a uma identificação percebida como um perigo de involução. O sentido libidinal biodinâmico, ao ser assim contrariado, desencadeia imediatamente um mecanismo de defesa que, em estado puro, caso os adultos não intervenham, não é agressivo, mas neutro, e que constitui uma tentativa de ignorar o perigo, para seu equilíbrio, a noção afetiva de irmão (pgs. 105 e 106).

Segundo Dolto (1996) não é a ideia do bebê que é nefasta, mas a percepção direta de sua realidade carnal, ou seja, a fusão da imagem real do bebê, representado como incapaz de certos movimentos, com a imagem inconsciente do corpo da criança maior, esta sim, capaz desses movimentos, tanto em sua imagem estática de si mesma, quanto em sua imagem funcional dinâmica. A criança então sofreria a experiência da tentação desestruturadora, ao mesmo tempo em que se sentiria fascinada por uma imagem involuída de si, que a devora e a dissocia de sua imagem do corpo, fazendo-a perder suas aquisições. Postula Dolto (1996):

A criança em perigo biopsicológico fica infeliz, na exata medida em que ela ama da maneira que até então lhe foi própria, ou seja, no absoluto. Se amar é desejar “ser o outro” ou “tê-lo para si”, ou ainda “fazer com ele”, o encontro com o recém-nascido traz, no plano das ressonâncias vitais imediatas, um absurdo biológico, um contrasenso em relação à evolução. Várias conseqüências decorrem daí, todas traduzindo a luta pelo direito de viver, talvez larvarmente, mas pelo menos recusando uma introjeção que é sentida como dissolvente, desestruturante, desimajante e esterilizante. Existem, a um tempo, a defesa passiva e a defesa ativa- mas as manifestações desses dois tipos de proteção são sempre mal-interpretadas pelo adulto a quem elas

causam ansiedade. O adulto dá uma significação intencional, de ordem moral, a reações de hostilidade que, entretanto, são sadias enquanto a dissociação não tiver sido compreendida, ou seja, enquanto as pulsões em jogo não tiverem sido sublimadas e simbolizadas pelo sujeito, que então compreende que “amar” e “identificar-se com” não são fatalmente sinônimos (p.109).

Esta etapa do ciúme, adotando a visão Doltoniana, é estruturante e inevitável. Dolto chega a afirmar que quanto mais é vivida com intensidade, mais assistimos, em seguida, à eclosão de uma personalidade potente e dotada de adaptabilidade. Ela coloca ainda que é importante que os adultos não modifiquem seu comportamento em relação ao bebê, mesmo que esse comportamento cause sofrimento ao filho mais velho, pois ele também preserva a diferença estruturante entre a criança e o adulto, que assim dá a contemplar a imagem de um ser humano acabado, sem riscos de involução.

A experiência de ter um irmão, segundo Dolto (1996), permite viver a assunção da noção do “outro” enquanto é cedo e sair liberado da necessidade do absoluto nas relações sociais. Um dos interesses desta hipótese, segundo ela, seria o de permitir compreender as relações entre o narcisismo e o sentido social.

Na clínica da infância, todas as crianças ditas normais reapresentam ou já apresentaram sintomas caracterológicos ou psicossomáticos mais ou menos graves coincidindo com o nascimento de um irmão mais novo. Dolto acrescenta ainda que a ausência total de reação negativa aparente é tão ou mais grave do que as perturbações espetaculares e que é sempre o sinal de uma anulação emocional que marca o início de uma reação obsessiva, ou mesmo o início de uma dissociação.

As primeiras descompensações crônicas surgem, na maioria das neuroses, alguns meses após a intrusão do mais novo na triangulação inicial, no núcleo primário da criança. Dolto (1996) coloca, entretanto, que a atitude demasiadamente positiva da criança mais velha infelizmente encanta os pais, que não se dão conta do esforço da criança em esconder o ciúme. Ela descreve:

É no momento do desmame, da marcha ou da aquisição da fala (inteligência manifesta) do mais novo- aparentemente amado- que se manifesta a neurose do mais velho: ciúme ignorado que eclode em aflição, ódio, sofrimento e fracasso: por exemplo, quando o menorzinho entra na mesma escola que o mais velho, ou quando o caçula tem um sucesso social ou amoroso (DOLTO,1996,p. 112).

A criança mais velha, ao ver os pais gostando do pequeno bebê, sente-se também na obrigação de amá-lo. Até o bebê aparecer, o rival amado ou era um irmão mais velho ou o adulto do sexo complementar. Entretanto, com a chegada do bebê, a atração libidinal dos adultos do casal parental pode ser destronada pela importância que assume para os pais este novo nascimento (DOLTO, 1996). Sobre o nascimento de um irmão mais novo Dolto (1996) coloca:

O nascimento de um irmão mais novo (como quer que tenha sido preparado) sobrevém como uma tempestade súbita no céu sereno em que o pai e a mãe, aliás sol e terra, serviam de referências inter-relacionais para a verticalidade axial do mundo animado e inanimado, onde a criança se conhecia garantida em sua imagem do corpo.

No entanto, é graças a este acontecimento- o nascimento do mais novo- que a criança imediatamente mais velha, normalmente perturbada por maior ou menor prazo, poderá, pela própria perturbação acarretada por esse nascimento, superar o perigo de uma amâncio erótica e de um fetichismo que espreita os seres humanos (DOLTO, 1996, p.113).

É possível perceber, desta forma, que o irmão tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, tendo em vista que esta primeira relação insere o sujeito na fratria e contribui para o posterior surgimento de outras formas de laço social.

Entretanto, o reconhecimento deste outro que, na fantasia da criança, pode ameaçar sua relação com os pais, requer uma grande elaboração psíquica, onde o irmão passa de intruso à familiar, não apenas no sentido de que é alguém pertencente à família, mas também por passar a ser alguém com quem os membros da fratria compartilham algo.

A inserção de um novo membro da família no campo amoroso parental pressupõe que o primogênito, ou os outros membros da fratria, passem de um momento onde a lógica onipotente prevalece – ou eu ou o outro- para outro momento onde a união dos irmãos esteja presente e predomine a aliança.

Desta forma, a relação fraterna é entendida como estruturante no psiquismo humano e requer estudos que contemplem seus diversos aspectos.

O irmão seria assim, fundamental no reconhecimento da alteridade e, neste sentido, cabe o reconhecimento do complexo fraterno como um conceito que tem suas particularidades e que não deve ser visto apenas como um deslocamento do complexo de Édipo como alguns autores sugeriram.

2

O complexo fraterno e o aparecimento da fratria no dispositivo analítico

2.1.

O complexo fraterno e a função do irmão no psiquismo

Os termos “complexo fraterno”, “função fraterna” ou mesmo algo referente aos termos “fraterno” e “fratria” não são comumente encontrados nos dicionários de psicanálise (ROUDINESCO (1998), LA PLANCHE E PONTALIS (2001), ETC). Acredita-se que a falta de termos relacionados à fratria nestes dicionários, considerados importantes referências dentro do arsenal teórico da psicanálise, demonstra a necessidade de se valorizar o papel do complexo fraterno e do irmão como estruturantes no desenvolvimento emocional dos indivíduos.

Nota-se ainda que a crescente publicação acerca do tema aponta para o reconhecimento do papel do irmão na constituição psíquica dos seres humanos e vem tendo destaque dentro das discussões e da clínica dos psicanalistas.

O termo complexo, segundo Laplanche e Pontalis (2001), está relacionado a um conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, que podem ser parcial ou totalmente inconscientes. Sendo assim, um complexo se constituiria a partir das relações interpessoais da história infantil, podendo estruturar todos os níveis psicológicos como: emoções, atitudes e comportamentos adaptados.

Adotando o termo fraterno como algo próprio de irmãos, percebe-se que uma das definições para a palavra “irmão” no dicionário Aurélio (1999) é: “coisa semelhante a outra na forma, disposição, origem, etc”. Esta denominação nos leva a refletir sobre os textos psicanalíticos onde o irmão é descrito não apenas como alguém com quem se tem um laço consanguíneo, mas também como aquele que é semelhante, com quem se compartilha algo.

Atualmente, alguns autores atribuem a importância da relação fraterna na constituição do sujeito à existência do complexo fraterno, definido como uma formação inconsciente.

O valor nuclear do complexo de Édipo ocultou o valor específico do complexo fraterno, segundo Kaes (2005). O autor coloca que embora Freud considere o complexo fraterno como uma forma de evitar o complexo de Édipo, outra perspectiva deve ser vislumbrada: a de que o complexo fraterno prepara a elaboração do complexo de Édipo.

A ênfase sobre a questão do Pai e sobre o infantil, colocada por Freud, ocultou a dimensão do complexo fraterno na elaboração do arsenal teórico psicanalítico. Sendo assim, quatro obstáculos surgem para o estudo deste tema:

O primeiro está no risco de supor traços específicos ao complexo fraterno, se isso colocasse em questão o caráter fundador do complexo de Édipo e a universalidade das fantasias originais.

O segundo obstáculo, de ordem epistemológica, diz respeito à necessidade de não pensar na análise apenas sobre a dinâmica intrapsíquica, mas também na necessidade de considerar a forma como os vínculos intersubjetivos se constituem. Neste sentido, o estudo do complexo fraterno torna possível a discussão sobre os efeitos da intersubjetividade na estrutura do psiquismo, na própria formação do inconsciente de cada sujeito.

O terceiro obstáculo é metodológico, tendo em vista que apenas com as práticas psicanalíticas de grupo e com as psicoterapias familiares foi possível colocar em andamento as dimensões do complexo fraterno e, finalmente, o quarto obstáculo é de natureza institucional, já que graças às pesquisas clínicas e metapsicológicas podemos representar os efeitos do complexo fraterno na fundação da instituição psicanalítica, ao contrário do debate, muitas vezes fratricida, que marcou o grupo dos primeiros psicanalistas, diante da rivalidade em relação ao corpus materno da psicanálise (KAËS, 2005).

Kaës (2005) diferencia o complexo fraterno das relações fraternas. De acordo com sua teoria, o complexo fraterno dá conta de uma formação inconsciente e as relações fraternas descrevem uma estrutura de vínculos consanguíneos horizontais entre pares. Esses vínculos situam-se em relação às gerações que os organizam, em relações verticais, aos pais e aos avós principalmente.

Segundo Kaës (2005):

O complexo fraterno, então, define uma organização fundamental dos desejos amorosos, narcísicos e objetais, do ódio e da agressividade com relação a este outro que um sujeito reconhece como irmão ou como irmã. Esse complexo inscreve-se, também, na estrutura das relações intersubjetivas organizadas pela representação inconsciente das localizações correlativas ocupadas pelo sujeito, o irmão e a irmã em relação ao objeto de desejo da mãe e/ou do pai. Ele qualifica, para todo sujeito, a criança única ou membro de uma fratria, uma experiência fundamental da psique humana (p.141).

O autor afirma que o complexo fraterno não implica, necessariamente, uma relação fraterna real e relembra que o tema do companheiro imaginário aparece nas crianças que não tiveram irmãos. Ele coloca ainda que na família e nos grupos, estamos diante de relações fraternas nas quais operam, segundo as modalidades do complexo fraterno, as relações entre as gerações, os sentimentos de rivalidade, de inveja, de intrusão, de atravessamento no retorno do ódio num vínculo, marcado pela ternura homossexual.

As relações fraternas, ao contrário, estariam relacionadas necessariamente ao relacionamento real entre irmãos. Esta definição de Kaes contribui para que possamos diferenciar o “complexo fraterno” do que Maria Rita Khel (2000) denomina “função fraterna”. Esta última dar-se-ia a partir do complexo fraterno e estaria relacionada às relações que os irmãos mantêm entre si.

Segundo Kaës (2005), Freud percebe que o complexo fraterno não é um simples deslocamento do complexo de Édipo, na medida em que ele tem importância na formação do vínculo social.

A importância do vínculo fraterno para o vínculo social discutida por Freud em Totem e Tabu (1912) sustenta a tese de que a hostilidade a respeito do irmão vem em primeiro lugar e conduz ao assassinato e depois a ternura e ao arrependimento, culminando enfim, nos efeitos do arrependimento sobre a religião, o código moral e a organização de grupos. Resulta daí a interdição de matar o totem, a interdição fundada socialmente de matar o irmão, a santificação do sangue comum e a consolidação da solidariedade entre todas as vidas do mesmo clã (KAES, 2005). Afirma Kaës (2005):

O modelo proposto por Freud em Totem e Tabu é o de uma mudança na ordem do agrupamento: consiste no deslocamento dos investimentos megalomaniacos e das identificações com o todo poder atribuído ao pai, em direção dos investimentos sobre a figura do Irmão e sobre os valores da cultura. Esse deslocamento é a consequência de

uma crise, de uma ruptura e de uma superação que marca uma passagem do vínculo não histórico da horda, para o vínculo intersubjetivo, histórico e simbólico do grupo fraterno, totêmico (p.154).

A identificação está, portanto, na transformação dos sentimentos de rivalidade em amor pelo objeto inicialmente odiado.

O complexo fraterno é diferente de uma defesa e deve-se pensar em sua elaboração através do complexo de Édipo. Kaes (2005) menciona a noção de triângulo pré-edipiano introduzida por Lacan em 1956. Dentro da teoria Lacaniana, o triângulo pré-edipiano designa a relação mãe- criança- falo, o qual representa no plano fantasmático o desejo da mãe. Nesta organização, o pai está presente através do discurso da mãe e ainda não é percebido como um interditor e como portador do falo.

De acordo com Lacan, no triângulo pré-edipiano, o rival é o objeto concorrente ao infans, podendo estar representado pelo irmão ou por qualquer outro objeto que tenha valor de transposição, nas equações das pulsões parciais. Neste sentido, o pai parcial poderia então ser o rival, enquanto o infans não o identificasse como pai genital, mas como podendo pertencer à mesma categoria que o irmão. Kaes (2005) admite, portanto, que os objetos, as imagos e os determinantes da rivalidade, as identificações e as interdições não são as mesmas no triângulo pré-edipiano e no triângulo edipiano. Kaes (2005) descreve:

No triângulo pré-edípico, o rival é o objeto parcial concorrente da criança, especialmente uma outra “pequena coisa”, como um pequeno irmão ou uma pequena irmã, ou qualquer outro objeto que tenha valor de transposição das pulsões parciais. O pai (parcial), pode, então, ser rival, não sendo identificado pela criança como Pai genital, mas como podendo pertencer à mãe na mesma categoria que um irmão. O irmão ou irmã podem tomar seu lugar, sem que tenhamos que fazer um verdadeiro deslocamento do complexo de Édipo (p.100).

O termo “função fraterna”, segundo Kehl (2000), explicita o caráter necessário, não contingente, da participação do semelhante no processo de tornar-se sujeito. Seria então tarefa da fratria fazer operar a função paterna, já que os irmãos, no mito freudiano de passagem do estado de barbárie da humanidade para um protótipo de civilização, estabelecem um acordo que exige a renúncia de

algumas satisfações pulsionais, como condição para se pertencer à coletividade e intensificar os laços fraternos.

Benghozi e Féres-Carneiro (2001) concebem a fratria como um organizador do laço genealógico. De acordo com os autores, o laço fraterno é moldado em função do laço de pertencer, segundo a codificação referencial da organização de parentesco. Entretanto, é necessário distinguir o fraterno e a fratria do ponto de vista psíquico.

O fraterno diz respeito à dinâmica consciente e inconsciente dos laços e das relações inter-individuais, enquanto que a fratria é definida como um conceito grupal, uma entidade psíquica exclusiva, diferente da soma dos psiquismos individuais dos irmãos e das irmãs (BENGHOZI E FÉRES-CARNEIRO, 2001).

Para irmãos filhos de um mesmo casal parental, pertencer ao grupo fraterno é a expressão de uma afiliação primária, sendo esta definida como “ser membro de sua família de origem e do grupo comunitário produto da mesma filiação”. Benghozi e Féres-Carneiro apontam:

O grupo dos irmãos e das irmãs está unido, aqui, por um mesmo laço de filiação. Ele partilha a herança do patrimônio psíquico familiar, que é metabolizado, transmitido de geração em geração segundo modalidades inter-geracionais, ou não transformado e não simbolizado através das gerações na transmissão transgeracional (p.115).

Sendo assim, cada um dos irmãos é portador da transmissão nos níveis intra, inter e transpsíquicos, já que a partir das lealdades genealógicas, ou seja, da expressão da identidade consequente do sujeito pertencer ao grupo familiar, se estrutura a identidade e a continuidade do grupo familiar.

Todavia, é necessário distinguir a noção de laço da ideia de relação, tendo em vista que estes são conceitos diferentes. Enquanto ser irmão e irmã de uma mesma família, partilhar o mesmo laço de filiação define o laço fraterno, isto não pressupõe a qualidade da relação existente entre irmãos e irmãs. Sendo assim, em uma família, o laço entre os irmãos pode ser claro e sua relação conflituosa.

As relações fraternas são, portanto, construídas de indivíduo a indivíduo, entre os membros de uma mesma entidade grupal (BENGHOZI E FÉRES-CARNEIRO, 2001).

A fratria assim tem uma função organizadora simbólica, já que através dela assegura-se a transmissão da história familiar.

A função do irmão na constituição do sujeito dá-se na constatação da diferença, pois isto permite que cada membro da fratria se aproprie à sua maneira do nome herdado do pai e assim relativize o traço unitário que define cada um. Além disto, as experiências cotidianas compartilhadas com os irmãos permitem a quebra da ilusão identitária para o sujeito, ao produzir um campo horizontal de identificações entre os semelhantes (KEHL, 2000).

Quanto à chegada de um irmão no período pré-edípico da criança, Kehl (2000) aponta:

No período pré-edípico, o nascimento de um irmão introduz para a criança as questões essenciais em relação à sexualidade e mobiliza a investigação que vai precipitar sua entrada no Édipo: questões em relação à origem dos bebês, à cena primária e à diferença sexual. Aqui, os irmãos constituem uns para os outros um campo fértil para as especulações e as brincadeiras sexuais, permitindo o início do que virá a ser uma série de novos campos de circulação libidinal que projeta os sujeitos para fora do triângulo edípico. Ainda que o papel do irmão como objeto das primeiras experiências incestuosas seja apenas efeito do deslocamento do que estava investido sobre as figuras paternas, o prazer que se obtém nas trocas e investigações sexuais com os semelhantes não é idêntico nem à fantasia edípica recalcada, nem ao prazer fornecido pelo sintoma (p. 40)

Kehl (2000) atribui a permanência das grandes rivalidades fraternas a um meticuloso trabalho por parte dos pais e educadores que empregam, conscientemente ou não, táticas de “dividir para governar”, incentivando entre os filhos a fantasia infantil de que só haveria lugar para o reconhecimento de um no amor parental. A autora aponta ainda que frequentemente na clínica psicanalítica são registrados casos em que é possível perceber as consequências devastadoras produzidas pela falta de lugar para a diversidade no ambiente familiar.

Paul Laurent- Assoun (apud Kehl 2000) chama atenção, entretanto, para uma “transformação climática do afeto”, onde as relações fraternas devem passar da hostilidade à ternura, da horda à fratria. O autor postula que a fratria é a matriz dos laços de amizade formados a partir de afinidades eletivas e admite a existência de formações fraternas comuns, capazes de instaurar no cotidiano uma solidariedade reguladora das tensões do cotidiano doméstico.

A importância das identificações horizontais, de acordo com Kehl (2000), é a de que na circulação horizontal é que se cria a possibilidade, para os sujeitos, de

desenvolvimento de traços identificatórios, essenciais para permitir a diversificação das escolhas de destino, em relação às quais o traço unitário é insuficiente. A autora conclui assim, que a função do semelhante deve ser considerada em três planos e em três níveis de abstração. Primeiro, a constatação, para a criança, da semelhança na diferença introduzida pelo irmão em seu campo narcísico, que a força a uma reelaboração da relação especular com o eu ideal e constitui para o eu um objeto ao mesmo tempo de ciúme, de interesse, de ódio e de identificação. Segundo, as experiências compartilhadas pela fratria na adolescência, que confirmam e relativizam o poder de verdade absoluta da verdade paterna, possibilitando ao sujeito reconhecer-se como criador de linguagem e/ou fatos sociais. Por fim, é importante a abertura de um campo anônimo de circulação e transmissão de saberes.

Através da análise do complexo fraterno e das relações fraternas, podemos observar que o irmão exerce um papel fundamental tanto para o reconhecimento da alteridade quanto para o direcionamento em relação aos vínculos sociais.

O complexo fraterno, ao contrário das relações fraternas, trata-se de uma organização intrapsíquica que considera o papel do irmão no psiquismo de cada um, à qual todos os seres humanos estão submetidos, sejam membros de uma fratria ou não.

A função fraterna surge a partir do complexo fraterno e está vinculada à relação entre os irmãos, à constatação da diferença e da relativização do traço unitário que define cada um.

O reconhecimento do lugar do irmão pressupõe a passagem da hostilidade à ternura, onde ao invés da fantasia de aniquilamento, a consolidação dos laços de amizade e a abertura para os vínculos sociais são estabelecidos.

Assim, as identificações horizontais complementam o estudo das relações verticais e é imprescindível que elas sejam contempladas na clínica.

O amplo estudo sobre a importância estrutural do irmão no psiquismo dos seres humanos tornam necessárias algumas observações sobre o complexo de Édipo, além da análise acerca do discurso que envolve a relação fraterna no dispositivo analítico.

Laços de parentesco, filiação e a relação entre as gerações

A expressão freudiana “complexo de Édipo” foi utilizada pela primeira vez nos escritos em 1910 e caracterizava um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sentia em relação aos pais.

A suposição da importância deste fenômeno fez com que se afirmasse que o complexo de Édipo desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano já que, de acordo com os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia, onde os sujeitos encontram formas particulares da sua posição e da sua solução (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001).

O mito edípiano diz respeito ao desejo de morte do rival do mesmo sexo e desejo sexual pelo personagem de sexo oposto. Partindo desta premissa, Haydée Faimberg (2001), psicoterapeuta de família de orientação psicanalítica, em seu texto “O mito do Édipo revisitado” coloca que sob seu ponto de vista, todas as variantes que ocorrem do mito do Édipo decorrem do postulado fundamental de que o parricídio e o incesto são atos abomináveis. Entretanto, a autora coloca que há uma mensagem, que ela qualifica como “positiva” e que governa o destino de Édipo, e que está ligada a uma mensagem não dita e por isso, “negativa”. Em sua opinião, o segredo concerne ao mesmo tempo à adoção e ao filicídio original, sendo a mensagem “negativa” relativa às origens de Édipo.

Para Freud, o complexo de Édipo está relacionado aos desejos de parricídio e de incesto, onde encontramos o paradigma dos desejos inconscientes experimentados por todos os homens em relação aos seus pais. A contribuição trazida por Faimberg é a de que para Édipo, existem segredos em relação à sua adoção, assim como ao filicídio original, de modo que ele desconhece suas referências genealógicas, assim como seus objetos “edípianos” e pretende, desta forma, tecer alguns comentários sobre o “complexo de Édipo” de Édipo. Segundo a análise da autora, já que os supostos pais de Édipo o adotaram em segredo, o pai e a mãe a quem se refere o oráculo no mito são desconhecidos. Sendo assim, Faimberg (2001) coloca que a filiação de um indivíduo e seu laço de parentesco são condições necessárias para a identificação dos “objetos edípianos” e, nesse sentido, desempenha uma função protetora. A negação a que se refere é a de que a filiação de Édipo é ocultada pela mentira e, sendo assim, ele não tem meios de

encontrar suas referências, renunciando ao parricídio e ao incesto. Para a autora, a ignorância de suas origens e da origem de seu nome que se vincula ao filicídio, e o segredo de sua adoção, constituem elementos centrais na tragédia.

Faimberg (2001) postula que o problema não é somente o “complexo de Édipo” de Édipo, mas também saber quais são seus objetos edipianos e como eles aceitaram a alteridade de Édipo e que sentido teve pra eles o fato de ter um filho. Afirma:

Na minha opinião, o conceito freudiano [de “complexo de Édipo”] não dá conta totalmente da natureza e da história dos objetos edipianos enquanto tais [...]. É preciso ampliar o conceito para poder estudar a relação particular entre as gerações que acabamos encontrando em nossa experiência clínica. Por essa relação, entendo não apenas a relação do filho com os pais, mas a dos pais com o filho tal como ela poderia ser (re) construída. Sugiro incluir no conceito de “configuração edipiana” essa relação [dissimétrica e] recíproca entre o filho e os pais [...] (p.178,179)

Desta forma, a autora distingue dois lados da configuração edipiana do paciente: de um lado os desejos inconscientes do paciente, ou seja, a relação dos filhos com os pais; e do outro a maneira como o paciente interpreta no seu mundo interior a forma como seus pais reconheceram sua alteridade. Para ela, este conjunto de fatores faz parte da configuração edipiana, da qual o “complexo de Édipo” constitui um aspecto parcial numa configuração maior. Sendo assim, torna-se clara a proposta de uma análise edipiana mais complexa, onde possa ser questionada qual configuração edipiana permite superar os conflitos edipianos e impedir sua tradução para a realidade. Segundo sua hipótese, uma análise rebuscada permite vincular dialeticamente e sobre uma base metapsicológica os problemas de narcisismo aos problemas edipianos.

Por fim, Faimberg (2001) coloca:

... o que o mito de Édipo nos ensina é que se os pais tiverem, no que concerne ao filho, uma relação de ódio narcísico filicida (ou de erotização narcísica incestuosa) em vez de reconhecerem e de contarem intrapsiquicamente suas próprias histórias e desejos inconscientes, e se houver segredos de filiação pesando sobre o romance familiar, a confiança nas verdades psíquicas poderá se ver destruída, e a configuração edipiana essencial que estrutura nosso espírito, pervertida (p.188 e 189).

Percebe-se assim, que não só o complexo de Édipo desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade, mas também a identificação dos

objetos edipianos e dos laços de parentesco do indivíduo assumem uma função protetora para a orientação do desejo.

Neste sentido, a proposta trazida por Faimberg (2001) de tecer uma análise edipiana mais complexa, onde além da configuração edipiana e da relação dos filhos com os pais, seja também considerado o modo como o paciente descreve e entende o reconhecimento de sua alteridade pelos mesmos, enriquece o material analítico e permite uma escuta livre de reducionismos.

O mito é utilizado como metáfora para investigar problemas psicanalíticos, pois quando Édipo se questiona sobre sua não-semelhança com os pais, ele, inconscientemente, faz uma pergunta sobre suas origens, sobre este passado que é um enigma.

Falar dos pais, não significa falar do ponto de vista da realidade, mas da forma como os encontramos na transferência como algo inscrito na realidade psíquica do paciente.

Faimberg (2001) cria um conceito psicanalítico ao chamar a condensação de três gerações de “telescopagem geracional”. Segundo a autora, a telescopagem geracional aparece nas identificações inconscientes dos pacientes, reveladas na transferência.

Nas identificações em que há telescopagem das gerações, a identificação se dá com o objeto e com certos atributos da história secreta, não apenas com um objeto. Sendo assim, quando um tipo particular de identificação se historiciza, o paciente adquire a possibilidade de se situar em relação à diferença de gerações. Para Faimberg, este tipo de identificação condensa uma telescopagem geracional.

A telescopagem de gerações é um fenômeno universal, presente em toda análise e a causa alienante da telescopagem das gerações, não provém exclusivamente do conteúdo dos fatos relatados pelo paciente, mas também do modo segundo o qual estes fatos foram submetidos ao dizer e não dizer dos pais.

O paciente fala e escuta a partir de identificações inconscientes. Assim, as identificações inconscientes se revelam aonde o terapeuta e o paciente não as esperam. Entretanto, estas identificações inconscientes somente podem se manifestar através do discurso do paciente.

A valorização da relação particular entre as gerações faz com que Faimberg afirme que há sempre três gerações envolvidas quando o sujeito fala. Desta forma, quando percebemos como uma fratria se comporta, é interessante levarmos em

consideração como os próprios pais do paciente se comportavam em relação a seus irmãos, tendo em vista que esta relação inicial pode contribuir para a forma como educam os filhos e muitas vezes veem seus problemas reeditados.

A escuta na transferência permite compreender estas identificações e tornar possível ao paciente resolvê-las.

Acredita-se que esta análise corrobore o ponto de vista adotado aqui, de que o sujeito deve ser ouvido em suas múltiplas facetas, levando em conta todas as relações que o referenciam no mundo. Desta forma, julgamos estar contribuindo para a valorização tanto da dimensão vertical das relações, mas também para a dimensão horizontal, onde a problemática fraterna infantil faz parte da escuta.

A relação fraterna na clínica psicanalítica

Apesar da dimensão vertical das relações parentais ter lugar privilegiado na escuta da maioria dos psicanalistas, hoje muitos clínicos apontam para a importância da dimensão horizontal das relações fraternas no discurso dos pacientes.

O crescente número de publicações acerca da importância da relação fraterna e do complexo fraterno na estruturação do psiquismo torna possível a discussão e a observação de como estes temas surgem durante a análise de um indivíduo.

A importância da relação fraterna tornou-se óbvia para Bernard Brusset (1987), quando este pôde perceber que os irmãos privados de sua mãe se colam entre si em uma espécie de aglutinação descrita com a designação de “together-together”. O autor coloca que as crianças do campo de Terezin, observadas logo após a última guerra por Anna Freud e Dorothy Burlinghan, tinham estabelecido entre elas relações privilegiadas. A relação horizontal fraterna havia substituído, a medida do possível, a ausência da dimensão vertical na relação com os pais. Brusset afirma que se tratavam de crianças traumatizadas que, logo após terem sofrido a perda de seus pais, haviam vivido em circunstâncias muito especiais, onde a relação fraterna foi fundamental para seu restabelecimento emocional.

Teórico que valoriza as psicoterapias grupais, Brusset (1987) afirma que a problemática fraterna infantil parece muito mais frequente nas reanálises. Este domínio inexplorado, a seu ver, ou pouco explorado em psicanálise, pode abrir novas vias de acesso para a compreensão da neurose infantil.

Brusset (1987) aponta que nas psicoterapias analíticas de grupo, o dispositivo solicita diretamente as relações de membro a membro, que a miúdo possuem um grande potencial mobilizador da atividade inconsciente. Nestes casos, o autor coloca que nos vemos surpreendidos pela importância que pode alcançar a atualização das relações fraternas da infância, da transferência fraterna, seja em relação aos terapeutas, ou ao grupo mesmo, ou, sobretudo de membro a membro.

Acerca da aliança entre irmãos, Brusset postula que as uniões contra os pais revelam aos irmãos sua solidariedade e sua complementaridade, já que nos contos o entendimento e a união dos irmãos e irmãs permitem salvar os pais ou salvar-se dos pais. O autor afirma que embora o conflito edípico, que enfrentam os irmãos com a exclusão operada pelos pais pareça sexuado, o grupo fraterno dos relatos míticos abandona os pais malvados ou demasiadamente pobres e forma uma aliança igualitária e solidária.

A experiência de Brusset mostra ainda que o laço positivo de pertencimento a um mesmo grupo no qual as diferenças de idade e de sexo devem atenuar-se em razão da referência comum a um ideal de fraternidade que exclui a rivalidade, o ódio, tanto com o incesto, assim como evita o Édipo e a castração.

Sendo assim, a manutenção de um ideal estritamente igualitário pode atuar como formação reativa, de maneira que toda desigualdade parece desencadear necessariamente em uma luta fratricida, destrutora do grupo e de todos os seus elementos, a menos que um excluído ou um elemento exterior permita a desviação da hostilidade sobre um bode expiatório do grupo.

O analista pode estar colocado na posição de irmão, concebido como “protótipo infantil”. Evidentemente, não se trata do analista colocar-se no lugar de irmão, mas é o analisando quem pode lhe por nesta situação, utilizando o analista como a réplica de um irmão que marcou sua “história libidinal”.

Algumas situações vividas em análise podem suscitar uma revivência da imago fraterna na pessoa do analista.

O irmão se distingue por introduzir uma dimensão de historicidade para o sujeito, já que sua aparição constitui um acontecimento. A eclosão da transferência poderia assim, repetir algo deste efeito, como a esperança de uma assistência, necessidade de receber um irmão em sua experiência. O analista, desta forma, deve ter claro que em alguns momentos ele pode ser identificado pelo analisando com um irmão maior e precisa encontrar artifícios para lidar com esta situação.

A angústia da passividade e a irritação pelo fim da análise podem surgir a favor desta idéia de “dominação” mais atualizada, já que o analista passa a ser referência como um substituto do irmão (ASSOUN, 1998).

Aponta-se que no registro horizontal, as particularidades individuais da história subjetiva infantil podem outorgar um papel considerável ao irmão ou a irmã. Sua inscrição, reeditada pela transferência, deve ser considerada pelo analista em toda sua importância tópica, dinâmica e econômica e pode ser uma limitação do analista conceber a transferência unicamente em sua dimensão parental.

No que diz respeito à transferência, Brusset postula que quando a transferência é uma transferência fraterna, o processo psicanalítico tende a dissolver sua especificidade, já que só dura um certo tempo e possui outros aspectos. De acordo com o autor, a experiência psicanalítica mostra que quando esta cena ocupa o primeiro plano, acabará tarde remetendo sempre a outras cenas que a clareiam e proporcionam chaves interpretativas mais decisivas. A transferência de uma relação fraterna da infância estaria assim determinada por relações de objeto fantasmáticas estruturadas em relação às imagens parentais.

Brusset enfatiza ainda que transferência fraterna e transferência materna ou paterna não podem opôr-se como conteúdo manifesto e conteúdo latente, já que são dois registros diferentes situados um com respeito ao outro a partir de múltiplas e contraditórias relações.

Do ponto de vista do autor, a vinculação imaginária ou real com o irmão ou a irmã durante a cura analítica, pode ser utilizada defensivamente em relação a transferência materna ou paterna, não deixando de ser paralelamente uma revelação, na medida em que a investidura atual destes objetos antigos pode ser o efeito de um deslocamento da transferência, recolhida dessa maneira do espaço familiar. O sujeito, assim, buscaria proteger-se ou afastar-se de seu analista,

enquanto este atualiza uma imagem parental e a reencontra em seu irmão ou irmã incluso no grupo fraterno.

Estes fenômenos de deslocamento, substituição, ou reenvio, entretanto, não escapam nem despistam a análise, pois, diretamente em relação com a transferência, é habitual que possam facilmente ser comprovados.

Percebe-se assim que a singularidade da contribuição de Brusset está na percepção de que o analista precisa estar familiarizado com aspectos elementares, triviais, cotidianos da vida do paciente, mas não pode prescindir de outras dimensões mais específicas e às vezes essenciais nas relações fraternas.

O autor postula que a importância de se considerar o relacionamento fraterno na análise é porque muitas vezes encontra-se neste eixo a chave para a interpretação.

A fim de discutir o complexo fraterno nos grupos, Kaës (2005) menciona a sua experiência em um seminário de trabalho psicanalítico conduzido por uma equipe de analistas para mostrar como o complexo fraterno é um organizador maior do processo psíquico grupal.

Segundo o autor, foi evidente que os processos transferenciais foram atravessados pelo complexo fraterno, já que no grupo que ele conduziu foram experimentadas largamente experiências de inveja e de ciúme. Todavia, mediante o trabalho analítico com o grupo, os movimentos de inveja e de ciúme puderam ser transformados.

Desta forma, podemos ratificar a idéia de Brusset de que “do ponto de vista do desenvolvimento, as relações fraternas da infância são intensas, estreitas, duráveis, inevitáveis e construtivas”, já que seja em relação ao complexo fraterno ou às relações entre os membros de uma fratria, o irmão tem um papel fundamental no psiquismo humano e em nossa estruturação emocional.

3

Fratria e fraternidade: valorização dos laços de amizade a partir do vínculo horizontal

3.1.

Análise do vínculo fraterno em um CTI Pediátrico: a importância da fratria

O papel fundamental do irmão na constituição do sujeito e no desenvolvimento das relações interpessoais vem ganhando destaque no cenário psicanalítico atual. As discussões recentes entre os teóricos da psicanálise vislumbram o lugar ocupado pela criança na fratria e o efeito produzido no psiquismo a partir desta relação.

A importância das relações fraternas mostra-se de forma muito intensa no CTI Pediátrico onde trabalho, já que são muitos os casos em que a criança internada conta com um ou mais irmãos no ambiente familiar. É interessante colocar, entretanto, que embora ter um irmão internado no CTI, lugar associado à gravidade e à terminalidade, costume gerar medo e ansiedade na criança que se encontra em casa, a experiência clínica nos mostra que este tipo de internação mobiliza mais os irmãos que ainda se encontram em um momento anterior ao complexo de Édipo. Tal fato pode ser explicado a partir da perspectiva lacaniana que aponta que a chegada de um irmão quando a criança mais velha encontra-se na fase pré-edípica costuma gerar conflitos, pois neste momento, a criança recém-chegada ainda não é colocada pelo irmão no plano das identificações parentais. Sendo assim, o filho mais velho frequentemente apresenta reações de ciúme, pois o recém-nascido o impede de ter uma relação que supunha ser exclusiva com os pais.

A internação do irmão recém-chegado em um CTI pode gerar angústia para a criança que está em casa.

Nos casos de ciúme, é comum que a criança tenha fantasias de agressividade e destruição deste irmão que rompe com a exclusividade do amor parental. Quando o irmão é internado, com frequência os pais relatam que a criança mais velha passa a sofrer com algum distúrbio psicossomático ou alterações de comportamento, já que a internação do bebê passa a ser percebida pela criança como a concretização de suas fantasias.

Os relatos de sintomas como diarreia, incontinência urinária, febres, insônia, dentre outros, mostram que as crianças muitas vezes procuram na doença uma forma de expressão.

A criança utiliza o corpo para se comunicar diante de situações de angústia, de medo. Sendo assim, as ansiedades precoces experimentadas pela criança pequena só encontram forma de expressão pela linguagem corporal, já que em nenhum outro momento da vida será tão breve e direto o caminho entre as sensações e as reações do corpo (MARTINS, 2003, P.65). Desta forma, a linguagem tem início através de trocas não-verbais entre a mãe e o bebê que lhe permitem figurar no corpo a história recente de sua relação. A criança então, desde o nascimento une a vivência sensorial à vivência afetiva, o que estreita sua relação entre o corpo e as emoções.

É necessário promover a fala das crianças para que elas possam se utilizar da linguagem como um recurso para dar contorno ao seu sofrimento. De acordo com Zornig (2008):

Os sinais de sofrimento na primeira infância aparecem como afetos em sua dimensão econômica- sinais somáticos que necessitam de uma tradução e uma amarração simbólica. Se não há reconhecimento da dimensão psíquica desse sofrimento e de sua dimensão de apelo, pode ocorrer um fechamento do sujeito em seu próprio corpo, substituindo a função relacional do corpo por um enclausuramento sintomático (p.336)

Sendo assim, é importante ressaltar o papel da corporeidade na clínica, já que o corpo também é um canal de sensações e afetos. As crianças, na maior parte das vezes, presentificam esta estreita relação quando inscrevem no corpo algo difícil de ser expressado verbalmente.

A internação do bebê muitas vezes intensifica a expressão do ciúme da criança mais velha. O filho mais velho, neste momento, normalmente precisa ser remanejado para a casa de parentes próximos para que os pais possam se revezar na assistência à criança internada. Além disso, a fantasia de que a criança mais nova dispõe agora de todo o amor parental ganha contornos reais, já que a disponibilidade de atenção em relação ao filho que está em casa fica comprometida pela gravidade do estado clínico do filho internado na unidade intensiva.

A criança que está em casa, na maioria das vezes, não compreende qual o estado de saúde do irmão enfermo e não consegue entender também o motivo do afastamento momentâneo dos pais.

Em virtude da necessidade de oferecer subsídios para que o filho que está em casa tenha elementos para lidar com esta situação, além de pensar na importância da visita do irmão ao paciente internado, já que este precisa substituir a vitalidade infantil à passividade necessária ao contexto hospitalar, passamos a realizar as visitas dos irmãos. Estas visitas são realizadas uma vez por semana, sempre com o auxílio da psicóloga e tem como objetivo ratificar a importância do vínculo fraterno.

Inicialmente, a psicóloga conversa com o irmão que vai visitar o outro internado para esclarecer alguma dúvida da criança, ao mesmo tempo em que antecipa o ambiente que ela encontrará assim que entrar. Além disso, a utilização de papel e lápis de cor mostra-se como um importante recurso gráfico, já que o desenho infantil auxilia na compreensão das construções fantasmáticas da criança.

O desenho deve ser entendido como uma atividade investida emocionalmente pela criança, pois segundo Méredieu (1974), a criança projeta no desenho seu próprio esquema corporal e traduz, assim, a maneira como vive seu corpo e se sente apreendida pelo outro. A autora afirma ainda que a prática do desenho pode favorecer a expressão de pulsões destruidoras, o que permite que o analista tenha um conhecimento mais direto dos primeiros traumas, através de um contato mais estrito entre o consciente e o inconsciente.

Todavia, deixa-se claro para as crianças que a produção de um desenho é uma atividade eletiva, pois em alguns casos durante a primeira visita ao CTI os muitos questionamentos fazem com que elas não queiram desenhar, mas apenas

ouvir algumas explicações sobre o estado de saúde do irmão internado e sobre o local onde ele se encontra.

A visita dos irmãos ao CTI Pediátrico também traz benefícios ao paciente internado, pois o irmão, além de ser uma importante referência parental, que traz consigo marcas identificatórias da linhagem à qual o sujeito pertence, também é alguém com quem a criança compartilha o ambiente familiar e seu universo lúdico.

O alívio entre realidade interna e externa é proporcionado por uma área intermediária de experiência, e esta última está em continuidade direta com a área do brincar. Winnicott (1975) postula que esta área intermediária é necessária para o início de um relacionamento entre a criança e o mundo, sendo essencial que isso se dê mediante a continuidade do ambiente emocional externo.

Em síntese, a terceira área, a da brincadeira, a que Winnicott se refere, é aquela que não faz parte nem da realidade psíquica interna, nem no mundo real, objetivamente percebido. Esta terceira área da experiência está localizada entre o indivíduo e o meio ambiente, aquilo que tanto une quanto separa o bebê da mãe, quando o amor desta fornece ao bebê o sentimento de confiança no fator ambiental. Desta forma, percebe-se que o espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, depende da experiência que conduz à confiança e é somente a partir desta experiência que o bebê pode experimentar o viver criativo.

Para Winnicott (1975), o brincar conduz naturalmente à experiência cultural. O autor, entretanto, sugere que a área disponível do viver e do brincar criativo é extremamente variável entre indivíduos, pois esta terceira área é um produto das experiências da pessoa individual no meio ambiente que predomina. Sendo assim, a extensão desta terceira área se dá a partir das experiências concretas. Winnicott (1975) afirma:

Um bebê pode ser alimentado sem amor, mas um manejo desamoroso, ou impessoal, fracassa em fazer do indivíduo uma criança nova e autônoma. Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural.

A característica especial desse lugar em que a brincadeira e a experiência cultural tem uma posição, está em que ele depende, para sua existência, de experiências do viver, não de tendências herdadas (p.150).

No bebê que pode viver em um ambiente satisfatório, a questão da separação não surge no separar-se, pois no espaço potencial entre o bebê e a mãe, aparece o brincar criativo que se origina do estado relaxado. Neste momento então, o bebê passa a se utilizar de símbolos que representam, ao mesmo tempo, fenômenos do mundo externo e os fenômenos individuais. Neste sentido, a capacidade da mãe em adaptar-se às necessidades do seu filho, dá a este uma fidedignidade e um sentimento de confiança, necessários para o seu desenvolvimento emocional.

Durante a hospitalização, o brincar facilita o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano infantil, já que através dos jogos simbólicos, a realidade externa pode ser assimilada à realidade interna, auxiliando a criança a lidar com seu adoecer. A criança se apropria da experiência dolorosa através do brincar, esse espaço de ilusão situado entre o real e a fantasia. Ela passa a ser sujeito e não somente objeto da experiência (Santa Roza, 1997; Winnicott, 1975).

A relação horizontal exerce papel crucial neste momento, tendo em vista que a fratria apóia-se mutuamente e permite que o universo extra-hospitalar seja colocado em foco. Sendo assim, a passividade característica do ambiente hospitalar é substituída por atividades e brincadeiras que se tornaram um eixo referencial da criança no mundo.

A visita do irmão também permite o resgate da subjetividade da criança internada e a valorização de aspectos que não dizem respeito ao estado clínico do paciente. É muitas vezes através deste encontro que podemos retomar a capacidade de simbolização do paciente, diminuída em virtude da lógica objetivista e técnica que predomina no ambiente intensivista.

A internação de um irmão leva, assim, a criança que está em casa a questionar o lugar que ocupa no amor parental e os efeitos produzidos por esta internação variam de uma criança à outra. É fundamental que o analista que trabalha dentro de uma unidade hospitalar possa oferecer uma escuta e possibilite a fala da criança, para que, desta forma, possa auxiliar a diminuir a sua angústia.

A seguir, serão expostas vinhetas clínicas que apontam para a importância da valorização das relações fraternas no CTI pediátrico e mostram como a realização das visitas dos irmãos contribui para a desconstrução de fantasias e

angústias, ao mesmo tempo em que promove o resgate dos laços afetivos entre os irmãos.

Roberta e o medo da onipotência de seus impulsos agressivos

Roberta é uma menina de três anos que teve sua irmã, Lívia, internada no CTI em virtude de uma pneumonia grave. Através de uma conversa, a mãe relata que o nascimento de Lívia suscitou diferentes sentimentos em Roberta. Primeiramente, a menina foi visitar a irmã recém-nascida na maternidade e a beijou bastante, pegou-a no colo e tirou muitas fotos. Entretanto, quando a mãe recebeu alta da maternidade e chegou a casa com a filha mais nova nos braços, Roberta disse: “- mamãe ela é linda, mas podemos devolvê-la à maternidade?”

A mãe então explicou-lhe que isso não era possível, que Lívia era um membro da família e que por ser muito amada deveria ficar com eles. Dias após este episódio, Lívia é internada com o diagnóstico de pneumonia e a equipe médica opta pela internação.

A partir deste momento, a mãe das meninas relata que Roberta começa a ter uma febre muito forte e é levada ao pediatra. Este, contudo, sabendo da situação pela qual passava a família, diz que a menina não tem nada orgânico e que a mãe deveria investigar a possibilidade da febre ter um fundo emocional.

A fala do médico aponta para a possibilidade de que Roberta esteja sofrendo de um distúrbio psicossomático. Este último é aqui descrito como uma alegação somática da criança que se exprime tanto mais facilmente através de uma queixa somática quanto maior for a disposição dos que a cercam para escutá-la (MARCELLI, 1998). Na maioria das vezes, o surgimento de uma queixa somática na criança traz uma modificação de atitude da mãe frente a este sintoma. Sendo assim, a sensibilidade da mãe às manifestações psicossomáticas de seu filho fazem com que a criança se beneficie dos cuidados maternos e da atenção constante dos cuidadores. Tal atitude é uma estratégia inconsciente utilizada em larga escala durante a internação de uma criança no CTI Pediátrico, onde o outro filho que está em casa lança mão deste artifício como uma forma de resgatar a atenção dos pais.

Através do incentivo da psicóloga, a mãe leva Roberta para ver Livia no CTI pediátrico. Ao chegar ao hospital, a psicóloga retira algumas dúvidas da menina em relação ao estado de saúde de Livia, e aponta para a necessidade de certos aparelhos a apoiarem naquele momento. Roberta mostra-se preocupada e não faz muitas perguntas.

Assim que entra no CTI, Roberta encontra as respostas sobre o estado de saúde da irmã e sobre a necessidade da mãe permanecer menos tempo em casa. Pergunta: “- este é o quarto dela?”. Respondemos que é o quarto momentâneo, enquanto ela se restabelece para volta a casa. A menina então fica dentro do Box (unidade que separa as crianças entre os leitos) da irmã, faz-lhe um carinho e depois sai do CTI. Nesta noite, a mãe relata que a febre passou e que após algum tempo a menina conseguiu dormir bem.

Podemos pensar que o medo de Roberta era o de que suas fantasias de agressão e destrutividade da irmã tivessem enfim se concretizado a partir da internação e, por isso, sua febre era uma forma de denunciar o quanto se sentia culpada pelo acontecido.

Dolto (1996) aponta para a importância dos pais apoiarem a criança para que ela possa se exprimir de outras formas que não através de manifestações regressivas. A autora relata um episódio em que um de seus filhos após ter confeccionado um boneco de papel quando da chegada do irmão recém-nascido, linchou o boneco em sua frente. Segundo ela, este foi um episódio libertário, onde a criança pôde vivenciar a sua agressividade recalcada diante da sensação de destronamento com relação à mãe.

No caso de Roberta, ao contrário, o intervencionismo da mãe, querendo impor à irmã mais velha um comportamento social de amor positivo, antes de haver permitido à sua personalidade integrar, sem perigo, a noção afetiva de irmão, fez com que a menina além de se sentir culpada, buscasse no corpo uma forma de expressar seu sofrimento.

A aparência involuída do bebê, ao mesmo tempo, faz com que a criança tenha medo de que ao se identificar com ele, ela perca as aquisições que já conquistou como a fala, o andar, etc. A criança sofre, segundo Dolto (1996), a experiência da tentativa desestruturadora e por isto é importante que o adulto compreenda as reações de hostilidade da criança mais velha, sem dar-lhes um significado intencional, de ordem moral. Dolto (1996) enfatiza:

Essa tempestade pode transformar-se em cataclismo, quando as reações sadias de adaptação da criança ao nascimento de um irmão mais novo despertam angústia, censura e rejeição real por parte dos adultos, destes mesmo adultos de quem depende sua estrutura necessária e momentaneamente abalada (DOLTO, 1996, p.114)

Ratificando a posição de Dolto, Bowlby (1997) afirma que nada ajuda mais uma criança do que poder expressar de modo direto e espontâneo seus sentimentos de hostilidade e ciúme. Segundo o autor, ao tolerar tais comportamentos os pais mostram aos filhos que não temem essas manifestações hostis e que confiam que elas podem ser controladas; além disso, a criança percebe uma atmosfera de tolerância e compreensão, onde o autocontrole pode se desenvolver. Bowlby (1997) coloca:

Alguns pais acham difícil que tais métodos sejam eficazes ou sensatos, e pensam que se deveria inculcar nas crianças que o ódio e o ciúme não são apenas coisas ruins, mas potencialmente perigosas. Há dois métodos comuns pra fazer isso. Um deles é a expressão veemente de reprovação por meio do castigo; o outro, mais sutil e explorando o sentimento infantil de culpa, consiste em incutir na criança a certeza de que está sendo ingrata, e indicar-lhe o sofrimento, físico e moral, que tal comportamento causa nos dedicados pais. Embora ambos os métodos pretendam controlar as paixões malignas da criança, a experiência clínica sugere que nem um nem outro é muito bem-sucedido na prática, e que ambos acarretam um pesado ônus de infelicidade. Os dois métodos tendem a fazer com que a criança receie seus sentimentos e se culpe por eles, levando-a a recalá-los e, assim, tornando-lhe mais (e não menos) difícil controlá-los (p.27)

Sendo assim, no caso descrito, a partir do momento em que Roberta pôde falar sobre seu sofrimento, foi possível perceber que o estado de saúde da irmã não se relacionava com seus desejos. A mãe, ao mesmo tempo, ao levar a criança para visitar a irmã no hospital, propiciou a esta a oportunidade de elaborar acerca da necessidade de internação do bebê. A partir da visita foi possível que Roberta retomasse sua tranquilidade ao esperar pelo retorno da mãe e da irmã.

Yasmin e a tristeza pelo afastamento da mãe

Yasmim é uma menina de dois anos que tem sua irmã Débora internada no CTI devido à correção cirúrgica de uma cardiopatia complexa. Foi descoberto que

Débora tinha esta má-formação logo após o parto e diante deste diagnóstico, da maternidade o bebê rumou direto para o CTI Pediátrico.

A mãe relata que após o nascimento, mostrava algumas fotos da irmã para Yasmin, mas ela não se contentava com elas e continuava perguntando pelo bebê. Ao explicar para Yasmin que a irmã está no hospital e que por isso a mãe precisa passar um tempo longe dela, a menina chora bastante. A mãe de Yasmin chega a dizer que esta desarruma as roupas da irmã enquanto ela as passa para levar para o hospital. A mãe então decide levá-la para visitar a irmã. Durante a primeira visita, Yasmin mostra-se bastante apreensiva e tem receio de tocar na irmã. Através das explicações acerca dos aparelhos e de algumas pontuações da psicóloga, a menina vai ficando mais calma e decide fazer um desenho “bem colorido” para colocar no Box da irmã.

Após a primeira visita, a mãe de Yasmin relata que ela para de desarrumar as roupas da irmã e diz que quer voltar a visitá-la. Na segunda visita, Yasmin pede colo à psicóloga e diz que foi ao CTI para encontrar a irmã. Desta vez, Débora está com os olhos abertos e Yasmin fica bastante animada, segura em suas mãos e faz carinho. Mostra-se desenvolta, conversa com a equipe do hospital e diz que quando a irmã voltar pra casa elas poderão brincar bastante juntas.

A internação de Débora traz questionamentos importantes à Yasmin. Esta última, precisa não apenas lidar com o nascimento de sua irmã, mas também com o afastamento momentâneo de sua mãe.

O papel do ambiente na teoria Winnicottiana pode ser desenvolvido ao longo de sua obra. Dentro do referencial do autor, a capacidade da mãe em se adaptar às necessidades do bebê é o que facilitará a sua confiança no mundo e possibilitará o desenvolvimento de seu potencial criativo. Neste sentido, é através do cuidado da mãe, no investimento físico e psicológico da criança, que esta última poderá criar um espaço de ilusão, uma área intermediária entre o mundo interno e o mundo externo e que possibilite o desenvolvimento de um espaço de transicionalidade.

É a partir do espaço transicional, ou seja, da terceira área de experiência, que a criança poderá adquirir um objeto transicional. Este é descrito por Winnicott como a primeira possessão não-eu e uma de suas funções está em apaziguar a criança nos momentos em que sua mãe não está presente, constituindo assim uma defesa contra a ansiedade.

Na hospitalização de um irmão, percebida como uma difícil passagem na vida de qualquer indivíduo ao considerar-se o ambiente hospitalar como estranho, aniquilador das possibilidades e possivelmente amedrontador, acredita-se que para as crianças, especialmente as pequenas, este medo diante do desconhecido torne-se intensificado tendo em vista as fantasias que cerceiam o mundo infantil, além dos poucos recursos linguísticos que elas dispõem para questionarem o que está ocorrendo, mesmo quando lhes é explicado. Neste sentido, a presença contínua da mãe é de extrema importância para que a criança possa sentir-se amparada em suas necessidades.

Winnicott (1975) postula a existência de uma não-integração primária. Entretanto, ao passo do desenvolvimento, a tendência a integrar é ajudada por duas experiências: o cuidado infantil, através da manipulação do bebê, do seu embalo e sua nomeação e também através das experiências pulsionais que podem tornar a personalidade uma a partir de um interior. Aos poucos, a técnica do cuidado infantil é reunida na mãe, e esta, através das experiências de cuidado corporal pode possibilitar que o bebê desenvolva uma “personalização satisfatória”.

A relação primária com a realidade externa pode ser possível através dos cuidados maternos. O fato de a mãe cuidar do bebê possibilita que ele possa evocar o que é realmente disponível e, desta forma, crie um momento de ilusão, onde pode tomar como uma alucinação sua algo que pertence à realidade externa.

De acordo com Winnicott, o contato com a realidade externa deve ser feito através da criança que alucina e do mundo que se apresenta, de modo que o bebê possa ter a ilusão da alucinação e da apresentação como idênticos. Entretanto, para que esta ilusão seja possível, é necessário que um ser humano traga o mundo até o bebê de forma compreensiva e adequada às suas necessidades. Por isso, é fundamental que uma pessoa sustente o bebê tanto física quanto psicologicamente inicialmente.

O bebê apenas pode progredir do princípio do prazer para o princípio da realidade, caso exista uma mãe suficientemente boa. Esta mãe é descrita como aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê e que diminui esta adaptação gradativamente, segundo a capacidade deste em tolerar o fracasso da adaptação e os resultados da frustração.

Winnicott chega a mencionar que uma mãe pode ficar longe de seu bebê por um tempo $x+y$. Entretanto, se este tempo avança muito e ela passa a ficar longe por um período $x+y+z$, ou seja; por um tempo maior do que a criança pode suportar, isto causa um efeito psicológico devastador.

O papel da mãe é fundamental no desenvolvimento emocional da criança, já que cabe a ela a apresentação do mundo ao lactente. Acredita-se que a capacidade da mãe em se adaptar às necessidades do bebê vai permitir que ela atenda prontamente à sua demanda e através de um cuidado investido, de um manejo adequado, ela possibilite dar um holding a esta criança, ou seja; se torne capaz de propiciar que se desenvolva nela um sentimento de confiança em si e de continuidade do ser. No caso de Yasmin, o afastamento momentâneo da mãe fez com que ela se sentisse desamparada diante de uma situação desconhecida, onde em sua fantasia, a mãe a abandonava em favor de uma aproximação com o bebê recém-chegado.

A raiva dirigida contra uma figura parental devido à separação mostra a hostilidade da criança sob a forma de censura, já que o cuidador esteve ausente quando era desejado. Muitas vezes, a criança age na esperança de que uma advertência violenta garanta que os pais não voltem a falhar. Neste sentido, quando a separação é temporária, a raiva tem as duas seguintes funções: pode auxiliar no vencimento de possíveis obstáculos ao reencontro; e pode desencorajar a pessoa amada a afastar-se novamente.

Segundo John Bowlby (1998):

...quando uma separação foi temporária ou quando se acredita que será temporária, é comum surgir a raiva dirigida contra a pessoa ausente. Nesta forma funcional, a raiva se manifesta como comportamento reprobatório e punitivo, que tem como fins o de auxiliar no reencontro e o de desestimular nova separação. Consequentemente, embora dirigida contra o outro, essa raiva atua no sentido de promover, e não romper, a ligação (p.268)

Francoise Dolto (1996) já havia descrito que o nascimento de um irmão mais novo torna necessária uma grande elaboração por parte da criança mais velha, já que esta até então se sentia garantida em sua imagem do corpo. No entanto, a autora postula que apesar das perturbações que o nascimento de um irmão pode causar, esta chegada é importante, pois supera o perigo de uma

amância erótica e de um fetichismo que espreita os seres humanos, tendo em vista que o surgimento de um irmão permite que a criança crie um espaço para o surgimento das relações sociais.

No caso descrito, o efeito produzido pela chegada e posterior internação de Débora, fez com que Yasmin demonstrasse através do seu gesto de amassar as roupas da irmã, o quanto ela se sentia ameaçada por este bebê que monopolizava a atenção de sua mãe. Foi necessário que Yasmin compreendesse concretamente a necessidade de afastamento de sua mãe para que confrontasse suas fantasias de abandono com a problemática da internação.

Pedro: há lugar pra mais um no amor parental?

Pedro é um menino de quatro anos que teve seu irmão, João, de oito meses internado em decorrência de uma bronquiolite. Sua mãe havia confidenciado à psicóloga que ele estava bastante angustiado desde que o irmão nasceu e que muitas vezes demonstrava um ciúme intenso quando ela e o marido acariciavam o bebê.

Após a internação de João, Pedro ficou muito triste, pois seus pais precisavam permanecer no hospital, já que moravam em um lugar distante e ele estava hospedado na casa da avó materna. Embora gostasse muito da companhia da avó, Pedro solicitava frequentemente a presença dos pais e pedia para ir até o hospital aonde eles e o irmão estavam.

Durante a primeira visita de Pedro ao irmão internado, ele fez algumas perguntas sobre o estado de saúde do irmão e ficou muito satisfeito em poder dividir o espaço junto dele e de sua mãe.

Na hora em que pegou o papel e o lápis, entretanto, fez um desenho com um boneco pequeno à direita da folha, uma árvore enorme e grossa no meio e dois bonecos adultos e um menor, juntos à esquerda. Quando pedi que Pedro explicasse o que havia desenhado, ele me disse que desenhara a si próprio à direita da folha e o irmão e os pais à esquerda. Disse a ele que deveria ser muito difícil se sentir sozinho e separado da família por esta grande árvore e a partir desta fala foi possível que ele relatasse o quanto sentia-se triste em ficar com a avó enquanto os pais ficavam com João. Através da possibilidade de escutar o discurso de Pedro e

de discutir com ele o significado de seus desenhos, ele conseguiu aproximar-se de João e, segundo o relato da mãe, mudou de humor e passou a ajudá-la nos cuidados com o bebê, quando este passou do CTI ao quarto do hospital.

A técnica de oferecer o material gráfico para que a criança possa desenhar permite que ela desenhe não somente o que vê, mas aquilo que sabe e o que sente. Em sua contribuição acerca do desenho infantil, Dolto (2008) postula que quando uma criança desenha, é sempre o seu próprio retrato que ela está desenhando. De acordo com a autora, a partir do momento em que a criança se situa em um lugar, ela interage com um outro. Neste sentido, Dolto aponta que um desenho não se conta, mas que é a própria criança que se conta através do desenho. Ela afirma: “isso é fazer um desenho falar, e não comentar o seu conteúdo”(p.12).

Ainda de acordo com Dolto (2008), o desenho permite que a criança projete e articule sua relação com o mundo, já que o desenho, mais do que o equivalente de um sonho, é uma fantasia viva.

Desta forma, o desenho infantil muitas vezes fala da verdade do sujeito e se torna um representante do discurso do inconsciente. No caso descrito, o desenho foi a forma de Pedro representar sua angústia e seu medo diante da fantasia de ter sido abandonado pelos pais, de ter sido negligenciado em virtude da doença do irmão. O papel do analista relaciona-se a ajudar a criança a falar sobre a sua dor e assim fornecer subsídios para que ela possa elaborar seu sofrimento.

José e o medo da morte do irmão

José é um menino de sete anos e seu irmão Julio tem seis meses e foi internado para realização de uma cirurgia cardíaca de alto risco. Após a cirurgia, Julio teve algumas complicações, mas elas foram contornadas e seu estado de saúde era estável.

A mãe dos meninos, profissional da área de saúde, tinha bastante receio de que José visitasse o CTI, embora percebesse a necessidade do menino de visitar o irmão. Ela contava que Julio foi muito esperado por José, que sempre quis um irmão para “poder jogar futebol junto com ele”.

Em sua primeira visita ao CTI, José estava visivelmente ansioso. Contou-me algumas coisas sobre a escola em que estudava e sobre o quarto que ele e o irmão dividiriam. Assim que viu Julio, José me perguntou algumas coisas sobre os aparelhos que apoiavam Julio e me disse:

“- Você sabia que o Batman morreu?”

Atenta a esta observação, perguntei o que havia acontecido com ele e José me falou:

“- Não sei, mas o Batman morreu, o homem-aranha também e até Wolverine morreu!”

Sua necessidade em falar sobre a morte tornava óbvio o seu medo de que o irmão também falecesse. A própria mãe havia dito que conversara com ele acerca da gravidade da doença e que ele deveria estar preparado caso algo “ruim” acontecesse. Sendo assim, a forma com que José conseguiu se “preparar” foi matando os super heróis que mais gostava, como uma forma de compreender a possibilidade de morte do irmão.

De acordo com Rufo (2003), com o nascimento de um irmão muitas crianças apresentam comportamentos regressivos e agressivos, transtornos psicossomáticos, sendo mais clássicas as perturbações do sono. Segundo o autor, é comum o primogênito pronunciar, com naturalidade espantosa, frases assassinas pedindo a morte do “intruso” ou o seu afastamento definitivo.

As palavras muitas vezes são violentas, pois expressam com clareza as fantasias da criança, assim como os desenhos, que mostram o imaginário do irmão ciumento. No caso em que o bebê possui uma deficiência, os cuidados em torno de sua saúde pode muitas vezes fazer com que a criança mais velha sinta que, de alguma forma, está sendo privada de sua pequena infância, tendo em vista que os pais passam a maior parte do tempo cuidando da criança enferma.

O sentimento de impotência diante da doença do filho faz muitas vezes com que os pais fiquem em silêncio, e que este último provoque incompreensão nos outros filhos da família. Segundo Rufo (2003):

Eles percebem que o irmão vai regularmente ao médico ou ao hospital, que segue um tratamento específico, que os pais se dedicam totalmente a ele, mas não sabem realmente por que nem quanto tempo aquilo tudo vai durar. Essa ignorância só pode ser fonte de angústia e de ciúme, aos quais se associam fantasias de desaparecimento, em geral acompanhadas de um sentimento de culpa- a culpa de ter boa

saúde ou de ter maus pensamentos, às vezes os dois ao mesmo tempo (p.191)

A internação de Julio provocou em José a fantasia de que este irmão estava à beira da morte e poderia não retornar. A explicação da mãe acerca de seu estado de saúde ratificou esta idéia e fez com que José ficasse ainda mais nervoso.

A partir das intervenções da psicóloga, o menino pode colocar o quanto a possibilidade de perda do irmão lhe trazia medo e angústia, sendo reconhecido como um sujeito desejante.

A função do analista no hospital é oferecer a escuta, possibilitar a fala e, assim, fazer com que o paciente e sua família, através do discurso que apresentam, possam diminuir a sua própria angústia. Neste sentido, Moretto (2001) nos lembra que “a psicanálise ultrapassa as fronteiras de um consultório bem mobiliado para descobrir que o inconsciente não está dentro nem fora, ele está aí onde o sujeito fala” (p.101).

A função central do analista no hospital, segundo Moretto (2001), é a de oferecer uma escuta diferenciada ao paciente, já que na medida em que se promove a fala do sujeito, abre-se a possibilidade de o próprio sujeito escutar-se, propiciando, desta forma, sua subjetivação.

Ao mesmo tempo, é importante salientar que o lugar do analista não é aquele que tem as respostas para a dor e o sofrimento do paciente, como afirma Brant (apud Moura, 1999). Ao contrário, o analista se oferece para receber a demanda do paciente, acolhe a dor, aceita a recusa e marca a possibilidade de o paciente sair do pânico na medida em que “aposta” que a linguagem levará o sujeito a encontrar sua “escolha” abrindo caminho para o surgimento do desejo.

Mohallen (1999) coloca que diante de um paciente que vive um momento de extremo desamparo, é função do analista auxiliar o sujeito a se colocar. A autora afirma ainda que no trabalho dentro do hospital, a direção deve ser a de descobrir junto ao paciente o que lhe angustia, o que ele deseja dizer. Ou seja: o olhar do analista precisa ser um convite para que o sujeito possa olhar pra dentro de si mesmo.

Através do diálogo, com o passar das semanas, José entrava no CTI mais confiante e passou a mencionar planos para o futuro, como o que faria quando ele e o irmão estivessem em casa. A partir de então, ele pôde vislumbrar uma

perspectiva de futuro, onde a morte do irmão não o assombrava. Neste caso, as construções fantasmáticas da criança puderam ser compreendidas na medida em que um espaço de escuta lhe foi oferecido e se reconheceu a dimensão real de seu sofrimento.

Da hostilidade à ternura: solidariedade entre irmãos no CTI

Embora relatos acerca do ciúme e da hostilidade em relação ao irmão recém-chegado sejam comuns entre os pais com quem conversamos no CTI pediátrico, algumas atitudes solidárias entre os irmãos mostram a importância da valorização da fratria deste tipo de ambiente.

É comum que grande parte dos pais fiquem receosos quanto à entrada do filho mais velho no CTI pediátrico. Além de ser um lugar comumente associado à terminalidade, o ambiente intensivo conta com um número grande de aparelhos e ruídos que são estranhos ao pequeno visitante. A experiência clínica, entretanto, nos mostra que quando antecipamos à criança o ambiente que ela vai encontrar e explicamos a necessidade de utilização de determinados aparelhos, a entrada no CTI gera um alívio diante da possibilidade de tornar conhecido o desconhecido e desconstruir determinadas fantasias quanto ao estado de saúde da criança internada.

Buscaremos relatar aqui algumas situações em que o companheirismo e a preocupação com o irmão internado justificaram mais uma vez a existência deste tipo de acompanhamento aos familiares.

Ana tinha dois anos e estava internada há oito dias com um quadro de pneumonia. Sua mãe relatou que ela e o irmão Matheus, de cinco anos, eram muito próximos, mas que ela estava com medo de Matheus se assustar com a aparência do CTI. Foi trabalhado com esta mãe que a situação de Ana seria explicada anteriormente pela psicóloga e que esta estaria junto a Matheus durante a visita. Foi colocado ainda que muitas vezes as crianças não desejam entrar no CTI em um primeiro momento, mas apenas conhecer alguém que faça parte da equipe do hospital para auxiliá-los em uma posterior entrada.

Ainda assim a mãe de Ana optou por não levar Matheus ao encontro da irmã. Com o passar dos dias, entretanto, Ana foi ficando mais apática e passou a

brincar cada vez menos. A mãe relatava que quando mencionava o nome do irmão ela o repetia e parecia mais contente.

Após alguns dias, a mãe aparece com Matheus no CTI. Muito esperto, ele faz algumas perguntas e mostra-se ansioso para ver a irmã. A entrada de Matheus tem um efeito impressionante sobre o humor de Ana. Esta, que nos últimos dias se mostrava abatida e apática, ria bastante das brincadeiras do irmão e imitava os sons que ele fazia. Ao final da visita, a mãe, bastante emocionada, relatou que se soubesse que a presença de Matheus faria tão bem à Ana, ela já o teria levado para vê-la há muito tempo.

Caso semelhante ocorreu com Gustavo, de seis anos. Seu irmão estava internado no CTI há dez dias e ele quando foi visitá-lo levou o seu boneco preferido para que ficasse ao lado do bebê. Disse que esperava que o irmão voltasse logo para casa e que seu boneco do homem-aranha o ajudaria quando ele estivesse triste.

Outro menino, Alexandre, quando foi visitar seu irmão Claudio no CTI, levou para ele um cartaz que sua turma do colégio havia feito desejando melhoras e contou-lhe quais as novidades do colégio em que estudavam.

É importante salientar que a visita dos irmãos também é um importante recurso, pois muitas vezes é com o irmão que o paciente internado pode colocar de forma mais clara seu sofrimento emocional. Muitas vezes, a dificuldade dos pais se mostra tão intensa, que o paciente internado não se sente a vontade para exprimir o que sente por entender que aquele é um momento em que os próprios pais sentem-se frágeis, atingidos em seu narcisismo. O encontro com o irmão, neste sentido, valoriza o vínculo horizontal e a identificação com o semelhante.

Segundo Bowlby (1997), o tipo de experiência de uma pessoa, especialmente durante a infância, tem uma grande influência para que ela tenha uma base pessoal segura, e também sobre o grau de competência que possui para iniciar e manter relações mutuamente gratificantes. Desta forma, o funcionamento da personalidade saudável em qualquer idade reflete a capacidade do indivíduo para reconhecer figuras adequadas que estão dispostas e aptas a proporcionar-lhe uma base segura, e à sua capacidade para colaborar com essas figuras em relações mutuamente gratificantes. O autor coloca ainda que crianças criadas em famílias que propiciam apoio e estímulo tendem a ter uma personalidade bem adaptada,

onde há um equilíbrio entre, por um lado, iniciativa e autoconfiança, e, por outro, a capacidade para buscar ajuda e fazer uso de ajuda quando a ocasião requer.

Paul Laurent Assoun (apud Kehl, 2000) sugere que a fratria é a matriz dos laços de amizade, tendo em vista de que existem formações fraternas “comuns”, que permitem uma solidariedade reguladora das tensões do cotidiano doméstico.

A importância de se atribuir um lugar a cada um dos membros da fratria permite que as grandes rivalidades aos poucos deem lugar ao companheirismo entre os irmãos. Tal aspecto da relação horizontal é particularmente relevante no CTI Pediátrico, pois será a partir das afinidades e das amizades que o traço identificatório entre os irmãos poderá ser valorizado e a partir de então, a cumplicidade fraterna permita que o ambiente intensivista seja percebido como algo menos amendrontador.

3.2.

A importância da fraternidade e do fraterno nas discussões psicanalíticas recentes

A ênfase na questão fraterna dada por muitos teóricos da atualidade tornou possível o desdobramento deste tema para um conceito necessário nos dias de hoje: o da fraternidade. Esta última, definida como “irmandade, amor ao próximo, união ou convivência como de irmãos, harmonia, paz, concórdia” (AURÉLIO, 1999), traz implícita a idéia de que a convivência com o outro é fundamental no que diz respeito à constituição da subjetividade.

Contrária ao individualismo exacerbado e à necessidade de gozo imediato da sociedade moderna, pensar na fraternidade nos permite refletir sobre o papel do semelhante em nosso direcionamento rumo aos vínculos sociais e em nosso compromisso diante de nossos pares.

A fim de apontar para a importância da fraternidade, Joel Birman (2000) narra a história do filme de Lynch sobre dois irmãos já idosos, que após terem ficado anos sem se falar, se reencontram através do esforço de um deles, após a notícia da enfermidade deste irmão afastado.

Birman (2000) chama a atenção para a idéia contida na história de que a fraternidade não se restringe ao campo da família, nem se confina aos laços consanguíneos. Ao contrário, ele ratifica o que já foi anteriormente explicitado por Benghozi e Féres-carneiro sobre os casos de irmãos em que o laço entre eles é evidente, mas a sua relação é conflituosa. Sendo assim, há muitos irmãos que não compartilham o sentimento fraternal entre si, mas que podem tê-los em relação a outras pessoas próximas. Segundo o autor, a responsabilidade na relação do sujeito com o outro implica no reconhecimento da alteridade, desqualificada pela exigência de gozo imediato dos dias de hoje.

A cultura do narcisismo em que vivemos faz com que o indivíduo viva de forma autocentrada, sem reconhecer a necessidade da existência do outro. Sendo assim, o que está em questão é uma concepção do desejo fora da referência alteritária, pelo qual se esvazia a relação de responsabilidade do sujeito com o seu semelhante.

A recente ênfase na experiência da fraternidade pode ser vista como um antídoto face aos imperativos da cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo, na medida em que a categoria ética de fraternidade enuncia outra concepção possível de subjetividade (BIRMAN, 2000).

Para Birman (2000), o feminino é um dos pólos possíveis na atualidade para algo que seja da ordem da fraternidade, na medida em que a feminilidade implica em cuidado com o outro. Neste sentido, o feminino abrigaria a dimensão alteritária a qual o autor se refere, já que o fundamental no laço fraterno é reconhecer o que lhe falta para haver cuidado com o outro. A grandeza da fraternidade, assim, seria a possibilidade de se voltar para o outro.

O autor cita filmes diferentes que trazem o laço fraterno como forma fundamental de existência e como temática principal. De acordo com sua teoria, é pelo reconhecimento de sua não-suficiência que o sujeito pode encarar o outro e reconhecê-lo como um igual, tornando possível assim a fraternidade. Birman (2000) discorre:

(...) a formação ilusória da auto-suficiência é um dispositivo poderoso do imaginário humano, que está sempre lá à espreita e em surdina, disposto sempre que estaria o sujeito em assumir a posição de superioridade em relação aos demais, desde que isso lhe seja possível. Por isso mesmo, destaquei que um trabalho permanente do sujeito é necessário para esvaziar esta pretensão do seu imaginário. Posso

completar isso agora dizendo que este trabalho se realiza em dois eixos ao mesmo tempo: de cada um em relação a si próprio e de cada um em relação aos demais. Isso porque é o laço entre as individualidades que está aqui em pauta, devendo o esvaziamento da pretensão à superioridade ser tocada no registro do corpo a corpo (p.186).

A modernidade surge no texto como um momento histórico em que a formação ilusória da auto-suficiência ganhou destaque no imaginário humano. Com o humanismo, a figura do homem passou a ser o centro do mundo e a razão passou a ter destaque no discurso das pessoas. Sendo assim, diante da ideologia do individualismo, a sociedade passou a ser concebida como uma associação, já que era advinda da junção das individualidades. Com o surgimento do modernismo, entretanto, houve uma crítica sistemática dos pressupostos da filosofia do sujeito, onde Freud, Nietzsche e Marx esvaziaram o lugar crucial da consciência humana como produtora da verdade deslocando o centro desta produção para o inconsciente.

O conceito de inconsciente do discurso freudiano descentrou o sujeito dos registros do eu e da consciência. De acordo com Birman (2000):

o discurso freudiano indicou como a subjetividade deve se autocriticar e aos outros para manter a precariedade de todos, maneira única para a realização da gestão dos laços sociais, para evitar assim a instauração da figura da auto-suficiência no espaço social (p.195)

O limite imposto à auto-suficiência torna-se claro no texto freudiano “Totem a Tabu” (1912), onde é através do assassinato do pai primitivo e da instauração da lei que há a possibilidade do estabelecimento do laço social. A constituição da sociedade através da horda primitiva mostra que a sociedade e a fraternidade seriam as duas faces da mesma moeda. Na leitura de Freud, foi a condição de fragilidade frente ao pai que fez os irmãos se associarem entre si e desafiarem a onipotência paterna. Todavia, para a instalação da ordem fraternal e da associação social é necessário que os agentes da comunidade se reconheçam como precários e insuficientes.

O importante então é destacar a feminilidade como modalidade de construção do sujeito, tendo em vista que esta forma de ordenação pressupõe uma

positividade conferida ao desamparo e à precariedade. O reconhecimento do que existe de precário e de frágil na constituição do sujeito seria a forma de validar as novas formas de laços fraternais e de conferir ao desamparo a sua potencialidade de inventividade intersubjetiva.

A feminilidade requer o exercício do cuidado e da delicadeza com o outro e, neste sentido, é através da sua mediação que os laços fraternais podem ser catalisados na atualidade, tendo em vista que ela se contrapõe ao ideal pretensioso da auto-suficiência (BIRMAN, 2000).

Todavia, se Birman se utiliza de filmes recentes para discutir a importância da fraternidade na sociedade contemporânea, Maria Rita Kehl tece alguns comentários sobre os jovens que cantam RAP na periferia de São Paulo, a quem ela se refere como “fratria órfã”, com o intuito de pensar na questão fraterna neste ambiente.

Ao analisar o esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo, Kehl (2000) indica que para estes jovens o tratamento de “mano” (forma como eles se chamam entre si) indica uma intenção de igualdade, um sentimento de fratria, um campo de identificações horizontais, em contraposição ao modo de identificação/dominação vertical, da massa em relação ao líder ou ao ídolo. Segundo a autora, a força dos grupos de rap vem do seu poder de inclusão, da insistência na igualdade entre os negros de origem pobre, na procura por “ampliar a grande fratria dos excluídos”.

A falta de pai de que sofre a sociedade brasileira faz com que haja uma “orfandade simbólica” e, neste sentido, é necessário que exista uma fratria forte, capaz de suplantando o poder do “pai da horda” e de fazer surgir um pai simbólico, que contemple a necessidade de todos. Ao analisar as letras dos “Racionais”, tradicional grupo de rap das periferias de São Paulo, Kehl afirma que no discurso deste grupo, Deus aparece como aquele capaz de abrigar uma lei, uma interdição ao gozo, fazendo assim a função do pai.

A aliança fraterna, a ênfase na horizontalidade é destaque nas letras deste grupo e corrobora o importante papel do irmão na formação dos vínculos sociais. Desta forma, o irmão é fundamental, tendo em vista que o reconhecimento do semelhante evita também um aprisionamento narcísico da criança em relação a seus pais. Segundo Kehl (2000):

O sujeito só começa a se mover de sua posição no triângulo edípico, entre o olhar da mãe que seduz e o do pai que interdita e se oferece à identificação (e ao ideal), quando da entrada de um outro, um irmão (consangüíneo ou não), que abre para a alteridade, para a constatação, em espelho, de sua própria insignificância; mas também para a infinidade de possibilidades subjetivas que se abrem ante a descoberta da semelhança na diferença. O reconhecimento paterno estrutura o sujeito; mas é o reconhecimento dos semelhantes que lhe devolve, de um lugar fora do triângulo edípico, a confirmação de quem ele é- desde o traço unário fundado pelo nome do pai, até os traços secundários adquiridos a partir da série de empreendimentos em que ele se engaja, pela vida afora, na tentativa de realizar o ideais do eu (p.227)

Percebe-se assim, que a aliança fraterna possibilita que os sujeitos relativizem a autoridade da figura do pai e explorem e ampliem suas margens. Kehl aponta que na falta do reconhecimento de um pai, é a circulação libidinal entre os membros da fratria que produz um lugar de onde o sujeito se vê, sendo visto pelo olhar do outro. Desta forma, a fratria permite a criação de campos identificatórios através da produção dos laços sociais que surgem a partir de afinidades eletivas.

Kehl (2000) afirma que em sua opinião a melhor representação da fratria é uma turma de adolescentes, já que há lugar para a contestação, para a simbolização da lei e a legitimação das experiências de liberdade. De acordo com a autora, a contestação da autoridade dos pais faz com que a fratria produza a orfandade simbólica dos seus membros, ao mesmo tempo em que lhes oferece amparo e alguma pertinência extrafamiliar.

É interessante pensar que a ênfase recentemente dada ao fraterno e à fraternidade desvinculam a relação entre igualdade e fraternidade associada ao período histórico do terror, onde uma fratria intolerante instaurou-se no lugar do pai da horda e impôs, pela força, o direito de arbitrar sobre a vida das outras pessoas, deixando de lado o ideal fraterno da semelhança na diferença.

Os movimentos totalitários e a ascensão do Nazifascismo na Europa por muito tempo ratificaram a necessidade de uma anulação da diferença entre os membros de uma coletividade através de abusos permitidos pela obediência ao líder (KEHL, 2000).

Costa (2000) coloca que em sua opinião, no solo do interesse pela função fraterna estão os impasses do “modelo teórico do recalque”, já que segundo Freud, o agente recalcante é um representante da função paterna que proíbe as formas de gozo às quais o sujeito pode ter acesso, surgindo daí a necessidade de apoiado neste modelo, inventar o dispositivo da análise e a metapsicologia do inconsciente da cultura e dos indivíduos.

O sujeito do dia-a-dia da cultura é que é o sujeito da clínica psicanalítica, segundo Costa. De acordo com seu pensamento, é necessário questionar as entidades ontológicas imutáveis, como a insistência em eternizar quadros clínicos herdados, fundamentados na psiquiatria do século XIX.

O peso dado à ideia do pai em psicanálise e à ideia de recalque, ambos derivados da ênfase posta nas noções de sexualidade e morte seriam os principais motivos, segundo Costa (2000), que nos fazem aderir às categorias nosológicas conhecidas. Em determinado momento do texto o autor chega a questionar: “Por que imaginar que onde não há pai de horda, pai morto, pai simbólico, pai imaginário, pai real, deve advir o caos, o gozo tranqüilo das montagens perversas, ou, o que é mais trágico, as psicoses? (p.11)”

No tempo de Freud, no imaginário cultural havia uma sintonia entre o modo concreto de subjetivação dos indivíduos e a ação física e simbólica do nome do pai. Sendo assim, a função paterna era plausível por estar ancorada no poder concreto, psicologicamente eficaz do pai de família. Neste sentido, aceitamos a existência teórica da função paterna porque o pai visível era uma realidade simbólica, real e imaginária incontestável.

Entretanto, nos anos 30-40, os teóricos de Frankfurt passaram a questionar a força do pai, na medida em que a realidade se alterava. A sociedade industrial dispensou a mediação do pai e passou a gerenciar o sujeito e seus desejos, tendo em vista que crianças e adultos foram postos sobre a tutela dos cuidados médicos, psicológicos, sociais, educativos, enfraquecendo assim a instituição familiar patriarcal.

Nas duas últimas décadas o cenário novamente mudou e a clínica apresentou estes sinais ao denunciar que a função paterna está em declínio e vem sendo substituída por injunções de gozo superegóicas, cujo protótipo é a sociedade de consumo. Sendo assim, os bens adquiridos passaram a ser exibidos

como marcas de sucesso e ascensão social e os corpos se tornaram persecutoriamente vigiados. (COSTA, 2000).

Atualmente, os ideais de família mudaram bastante e, neste sentido, devemos questionar a ideia tradicional sobre o que a família representa. Costa (2000) sugere que apelamos para a função paterna porque ainda não conseguimos encontrar noções que nos permitam lidar, de forma satisfatória, com os órfãos da família patriarcal freudiana. Sendo assim, o autor propõe que pensemos nos pares, na função fraterna como uma forma de testemunhar a atividade e o engenho humanos. A cultura pode ser entendida assim como um espaço transicional dos irmãos que se reconhecem como artífices do próprio destino e que podem através da diversidade, da experimentação, aperfeiçoar a cultura e permitir que aperfeiçoemos nossa clínica contemporânea através de um olhar renovado, que permita enxergar o novo.

O conservadorismo presente no campo psicanalítico também é alvo de crítica de Birman (2003). Segundo o autor, o laço fraterno foi colocado como secundário na tradição psicanalítica, já que nas obras de Freud, Lacan, Klein e Winnicott ele ocupa posição de resto, não recebendo o seu real valor.

A presença da questão da fraternidade na atualidade tem sentido, na medida em que este é um conceito que vai muito além da dimensão estritamente familiar a que seu sentido normalmente remete. Neste sentido, é preciso compreender a fraternidade fora do registro da rivalidade, característica pela qual é comumente lembrada, para dela podermos extrair uma positividade.

Em seu texto, Birman (2003) aponta para diferentes modalidades de fraternidade, tendo em vista que as novas formas de sofrimento psíquico existentes orientam a discussão crítica acerca da fraternidade. O autor coloca:

O laço fraterno seria bastante bem descrito no discurso freudiano, como marca eloqüente da nostalgia do sujeito pela figura paterna. Entretanto, essa não seria a única forma possível de existência do laço fraterno, já que este poderia ser engendrado de outra maneira pelo sujeito, desde que pudesse reconhecer efetivamente sua condição de desamparo, tendo na figura do pai falho seu correlato estrutural e funcional. A constituição das novas modalidades de laço fraterno é o que a atualidade nos exige agora, como um imperativo ético e político, nos registros ao mesmo tempo individual e coletivo. No entanto, é preciso reconhecer plenamente nossa condição básica da insuficiência (BIRMAN, 2003, p.8).

A posição descrita por Birman ratifica a ideia de que a solidariedade e a amizade presentes no laço fraterno são possíveis a partir do reconhecimento do desamparo e da noção de que somos seres faltantes. Somente a partir desta tomada de posição é possível pensar no outro, na comunidade, nos laços sociais que nos unem.

A fraternidade permite que se pense na dimensão alteritária da existência na medida em que este conceito amplia a noção de irmandade para além do núcleo familiar. Sendo assim, a feminilidade é entendida como uma forma de pensar na fraternidade, já que o cuidado com o outro, característico do feminino, implica em reconhecer a importância da alteridade.

O sentimento de fratria tem valor por sua capacidade de incluir, pois demonstra uma intenção de igualdade. Desta forma, a ênfase na horizontalidade permite que o sujeito seja visto pelo lugar do outro.

É necessário na atualidade que a questão do fraterno ganhe cada vez mais espaço para que possamos pensar em nossos pares e na importância que eles conferem na nossa condição de seres inseridos na cultura, para que, desta forma, passemos a ser uma sociedade que reconhece na fraternidade a possibilidade de oferecer amparo e laços de solidariedade entre as pessoas.

4

Considerações finais:

O papel do irmão na constituição do sujeito e a importância da fraternidade na formação do laço social são temas atuais nas discussões entre psicanalistas. É possível pensar, que se Freud e seus contemporâneos contavam com uma estrutura familiar clássica, onde pai, mãe e filhos conviviam juntos, hoje as novas configurações familiares auxiliam na discussão acerca do papel do semelhante em nosso processo de construção subjetiva, além de apontarem para o questionamento acerca das estruturas clínicas clássicas, que levavam em consideração o papel do pai baseado neste modelo tradicional de família.

A família tradicional sofreu uma série de transformações ao longo dos anos. O papel do patriarca como o “chefe da família” e a autonomia dos círculos familiares deram lugar a múltiplos arranjos conjugais e parentais, ao mesmo tempo em que se pode observar o fim de uma rígida divisão entre o público e o privado. Em relação às mudanças da conjugalidade, Julien (2000) afirma que a autonomia da conjugalidade associa-se ao declínio do poder paterno, já que o declínio da imagem social do pai contribuiu para a autonomia dos parceiros na escolha conjugal.

O intervencionismo do Estado nas famílias também fez com que a palavra do pai fosse relativizada e a sociedade passasse a contar com diversos “especialistas” (profissionais de saúde e educadores) que postulavam novas formas de educação, higiene e comportamento. Desta forma, a parentalidade também sofreu modificações a partir do intervencionismo institucional no interior das famílias.

Os arranjos conjugais contemporâneos permitem uma série de combinações e incitam novas formas de vivenciar a parentalidade. Os re-casamentos, a inserção de filhos de relacionamentos anteriores nas famílias recém-formadas, a adoção e os divórcios auxiliaram para que ao invés de privilegiarmos o eixo vertical das relações, pudéssemos enfim valorizar o papel da horizontalidade em nossos vínculos sociais.

O papel do irmão na constituição do sujeito vem sendo tema de discussão de grande parte dos psicanalistas que entendem o valor da fratria na construção subjetiva. Pode-se supor que esta valorização está intimamente relacionada à mudança das estruturas familiares, já que as “novas famílias” também necessitam de novas formas de compreensão. Neste sentido, os novos arranjos familiares auxiliaram para que as nossas relações com os semelhantes fossem objetos de reflexão. Segundo Kehl (2001), a criança ter contato com “pais” e “mães” diversificados a ajuda a relativizar o poder absoluto do pai e da mãe e a simbolizar, não só a masculinidade e a feminilidade, mas também a autoridade e, sobretudo a lei.

A cultura do individualismo e do narcisismo presente na contemporaneidade enfatiza a satisfação pessoal e o gozo imediato. Todavia, é possível perceber nos debates atuais uma tentativa de se pensar no valor da fraternidade como uma forma de resgatar os ideais de amizade e solidariedade há tanto tempo deixados de lado. Tanis (2001), neste sentido, coloca que é importante que o analista investigue e questione aquilo que foi datado para que possamos instrumentalizar nossa clínica com novas teorias, baseadas no debate e no abandono de certas idéias.

A discussão sobre o papel da fraternidade em nossa constituição subjetiva cria um espaço de liberdade teórica para que passemos a compreender um novo olhar para a psicanálise a partir das relações sociais. Kehl (2001) aponta que é possível perceber que existem formas comunitárias de amparo e convívio que não tem que ser a da família tradicional.

A partir da observação clínica da visita dos irmãos de crianças internadas no CTI Pediátrico de uma clínica particular do Rio de Janeiro, foi possível notar o valor do laço fraterno como um elemento que beneficiava não apenas a criança internada, mas também o irmão que estava em casa e sofria as conseqüências psíquicas de ter um membro de sua família internado.

O interesse pelo tema da fratria surgiu neste contexto. Entretanto, ao passo em que avançamos no estudo, notamos que em muitos casos primos e amigos próximos da criança internada cumpriam também esta função fraterna, o que demonstrava clinicamente o que teóricos como Kehl, Féres- Carneiro, Birman, Costa, dentre outros, já afirmavam: o laço fraterno é diferente da relação fraterna, já que há muitos casos em que irmãos possuem um laço claro e uma relação

conflituosa. Sendo assim, dentro do CTI Pediátrico víamos que havia momentos em que outra pessoa do convívio da criança internada apresentava laços de amizade e de solidariedade que condiziam com o que definimos como fraternidade. Esta última vem ganhando destaque nas discussões psicanalíticas recentes, pois as relações horizontais permitem que compreendamos a nossa insuficiência diante do outro. Isto quer dizer que é necessário reconhecer que precisamos do outro para nos estruturarmos.

A partir do conceito de Complexo fraterno de René Kaës, notamos que este é definido como uma organização intrapsíquica a qual todo ser humano está submetido, independente de ser filho único ou membro de uma fratria. Desta forma, as relações horizontais estão sempre presentes e contribuem na formação do laço social.

O investimento narcísico dos pais garante que a criança tenha sua inscrição em uma história que ganha contornos através do discurso e da afetividade. Inicialmente, a atitude parental é a de conferir todas as perfeições ao seu filho, comportamento que Freud descreve como o renascimento do seu próprio narcisismo. Todavia, após lidar com sua posição no Complexo de Édipo e sua posterior dissolução, a criança entra no período de latência e volta seu interesse para os vínculos sociais. Neste momento, a questão da fratria está presente, pois a criança passa a lidar não só com seus interlocutores no grupo fraterno, mas também com os outros grupos sociais aos quais ela pertence.

A teoria freudiana não enfatiza especificamente a questão fraterna, mas Freud em diversos momentos de sua obra descreve casos clínicos onde algo referente à fratria é mencionado. Dentre as suas observações destaca-se o quanto o nascimento de um irmão desperta na criança o interesse pela descoberta da sexualidade e aguça a sua inteligência. O autor ainda postula que no ato originário de assassinato em “Totem e Tabu”, a formação do laço social é possível a partir de um ato coletivo entre os irmãos, onde uma ordem familiar é mantida.

A partir do nascimento de um irmão a criança precisa aprender a lidar com sua agressividade, já que passa a compartilhar um mesmo Outro com a criança recém-chegada, ao mesmo tempo em que se encaminha em direção aos laços sociais através de sua experiência dentro do grupo fraterno.

A fratria passa a ter assim um papel importante no desenvolvimento afetivo dos seres humanos, tendo em vista que o irmão tem grande participação na

constituição da personalidade desde o seu nascimento, onde a criança mais velha se vê destituída de seu lugar de filha única e passa a lidar com a alteridade nas relações horizontais.

A família tem um papel fundamental na transmissão da cultura e o reconhecimento do irmão pressupõe uma identificação mental com este. Entretanto, dificilmente a chegada de um irmão é vivenciada sem hostilidade pela criança mais velha. Dentro da experiência clínica, percebe-se que a época do aparecimento do irmão determina seu significado para o sujeito. Sendo assim, o irmão que surge após o complexo de Édipo é adotado, na maioria das vezes, no plano das identificações parentais, enquanto a criança que se encontra em um momento anterior ao Édipo costuma sofrer mais com o ciúme.

O irmão pode ser visto como um obstáculo à relação exclusiva com os pais, já que após o nascimento a criança mais velha experimenta o sentimento de exclusão por acreditar que os pais estão presentes para o bebê e ausentes em atender às suas demandas. A perda da onipotência narcisista, assim, também está relacionada com as mudanças produzidas na mãe pelo nascimento de um novo filho, já que também é necessário um remanejamento da dinâmica familiar em virtude da chegada de um novo membro na família.

A forma como os pais lidam com o nascimento de um outro filho é muito importante para que a criança mais velha vivencie esta experiência. Permitir que a criança possa expressar sua agressividade auxilia para que aos poucos ela vá se identificando com o bebê recém-chegado. Sendo assim, a noção afetiva de irmão vai se formando na medida em que os adultos compreendem que não há necessidade de impor um comportamento social de amor positivo ao primogênito. É necessário colocar ainda que a criança mais velha necessita de um tempo para compreender que esta forma de ser menos evoluída do que ela, o bebê, não representará um entrave biodinâmico ao seu desenvolvimento, assim como não será uma ameaça às suas aquisições já adquiridas.

A consanguinidade, todavia, não define com precisão a aliança fraterna. Esta última, diz respeito ao reconhecimento da existência de um semelhante e de um laço horizontal entre pares. Neste sentido, há uma passagem de um momento onde a lógica onipotente prevalece para outro em que, através do reconhecimento da alteridade, predomina a aliança e o posterior surgimento de outras formas de laço social.

O complexo fraterno, definido como uma formação inconsciente é diferente das relações fraternas, que representam vínculos consanguíneos entre pares. A partir da teoria de René Kaës foi possível compreender que o complexo fraterno não implica necessariamente uma relação fraterna real, mas relações intersubjetivas que o sujeito estabelece com alguns de seus pares. O fraterno assim está relacionado às relações inter-individuais, enquanto que a fratria é um conceito grupal, com uma entidade psíquica exclusiva (BENGHOZI E FÉRES-CARNEIRO, 2001).

O surgimento do irmão na dinâmica familiar faz com que a criança se aproprie de sua história, ao mesmo tempo em que através da circulação horizontal permite que se desenvolvam traços identificatórios. Esta dimensão da alteridade deve ser também considerada na clínica, onde a forma como o paciente reconhece essa alteridade precisa ser escutada e discutida juntamente à configuração edipiana.

A importância de se considerar a dimensão horizontal no discurso dos pacientes está na hipótese de que a problemática fraterna infantil exerce papel fundamental no desenvolvimento emocional dos seres humanos, já que o irmão se distingue por introduzir uma dimensão de historicidade ao sujeito. Além disso, o tema da fratria, tanto no discurso dos pacientes quanto na transferência requer que o analista esteja atento com as identificações que o analisando faz na medida em que se concebe a transferência de uma forma multifacetada e não apenas com o enfoque na dimensão parental.

O valor da questão fraterna mostrou-se evidente no CTI Pediátrico, onde ficou evidente o quanto a visita do irmão à criança internada auxiliava tanto ao paciente quanto à criança que estava em casa. A internação de um filho mobiliza muito os pais e por isso, a criança que não está enferma se sente muitas vezes negligenciada pela atenção que o irmão requer. Isto muitas vezes intensifica a expressão do ciúme por parte da criança que está em casa, que muitas vezes se utiliza do corpo como uma forma de demonstrar sua insatisfação. Nestes casos, distúrbios psicossomáticos e alterações de comportamento são indícios evidentes de que a criança possui uma estreita relação entre o corpo e suas emoções.

O papel da corporeidade na clínica deve ser considerado, já que há casos em que a criança não encontra outros recursos para expressar o que sente. Neste sentido, a utilização de recursos gráficos durante a visita dos irmãos no CTI

permite que a criança invista emocionalmente no desenho para, desta forma, dar forma e conteúdo para suas fantasias.

A visita dos irmãos também é um importante recurso no resgate do lúdico e no alívio das tensões provenientes da internação. Compreendemos que a visita da criança que está em casa é interessante não apenas por auxiliá-la na compreensão da internação, mas também porque permite que a criança internada, através da valorização da relação horizontal, resgate elementos da realidade extra-hospitalar e do cotidiano.

O brincar proporcional um alívio entre a realidade interna e externa, já que facilita o acesso à atividade simbólica e auxilia os irmãos na apropriação da experiência dolorosa diante da internação. Desta forma, podemos garantir o resgate da subjetividade e de uma postura ativa da criança inserida no ambiente intensivista, reconhecido por sua objetividade. As visitas dos irmãos são assim um elemento fundamental no resgate dos laços afetivos e na desconstrução de angústias.

A solidariedade entre os irmãos aponta para a importância da valorização dos aspectos positivos da relação fraterna, muitas vezes citada apenas em sua dimensão de rivalitória e de concorrência. O nascimento de um irmão é importante na medida em que permite que a criança saia de uma lógica especular eu-outro para um momento posterior onde a alteridade é considerada, assim como o direcionamento em relação aos laços sociais.

A fraternidade, não necessariamente relacionada a uma relação fraterna real, não se limita ao campo familiar, já que considera a referência alteritória e a responsabilidade do sujeito com o semelhante. No mundo contemporâneo, onde reinam o individualismo e os bens de consumo, reconhecer a importância do outro em nossa constituição subjetiva requer que nos percebamos como insuficientes diante da sociedade na medida em que são as relações sociais que criam um convívio harmônico com o semelhante.

Freud já demonstrava a importância das relações horizontais no texto Totem e Tabu, onde era através do pacto surgido mediante o assassinato do pai que os irmãos passavam da horda à fratria. Esta última valoriza assim a inclusão e a ênfase na igualdade.

A valorização da fraternidade é fundamental, pois permite que a coletividade seja considerada como um importante recurso no resgate aos laços de

solidariedade e de amizade. Embora vivamos em uma sociedade objetivista e auto-centrada, hoje em dia podemos reconhecer que muitos grupos passaram a discutir a importância do semelhante na sociedade. O grande número de filmes e a recente publicação de livros onde a questão fraterna está presente parece ratificar este ponto de vista aqui adotado.

De acordo com Costa (2000), a ênfase na importância do pai surge em um momento histórico onde as famílias eram estruturadas de uma forma tradicional, onde pai, mãe e filhos dividiam o mesmo espaço e a mediação do Estado e das instituições no ambiente familiar não aconteciam. Entretanto, na medida em que as configurações familiares foram se modificando e a sociedade industrial ganhou fôlego, a mediação paterna foi enfraquecendo e a necessidade de gozo diante da sociedade de consumo foi gradativamente tomando espaço.

Apelamos para a função paterna porque ainda não conseguimos encontrar novas formas de lidar com a idéia tradicional do que a família representa, segundo Costa (2000). Neste sentido, o autor propõe que pensemos nos pares e na função fraterna como uma forma de reconhecer na alteridade o caminho para um olhar renovado.

Neste estudo, que surgiu a partir de um questionamento clínico acerca da importância do irmão, foi possível compreender que a fraternidade e o fraterno são elementos fundamentais na criação dos laços sociais. A experiência da visita dos irmãos realizada no CTI Pediátrico permitiu que pensássemos na função do semelhante no resgate da amizade e do afeto. Tornou-se óbvio que o papel que o irmão exerce no psiquismo vai muito além do pertencimento familiar, já que o resgate desta relação em um ambiente onde a angústia reina mostrou o valor do cuidado com o outro e seu reconhecimento como um igual.

A diferença entre a relação fraterna e o complexo fraterno também foi contemplada, já que discutimos que o complexo fraterno está relacionado a uma estrutura inconsciente, que independe do fato do sujeito ter irmãos ou não, enquanto que as relações fraternas pressupõem a existência de um irmão que compartilhe o ambiente familiar. Desta forma, a fraternidade também mencionada representa o papel do semelhante em nossos relacionamentos sociais e na forma como lidamos com a idéia de que precisamos de um outro, já que somos insuficientes diante de nossos pares.

Os semelhantes produzem o laço simbólico a partir de suas necessidades e o sustentam na coletividade. Desta forma, as formações fraternas (que não precisam ser somente entre irmãos) se mostram como estruturas horizontais de amparo.

Já que a criação do laço impõe um limite ao narcisismo e ao aniquilamento do outro, o papel do fraterno na subjetividade se mostra essencial, pois é a partir deste primeiro contato com a alteridade que a criança poderá compreender sua insuficiência diante do social, na medida em que as relações sociais se solidificam a partir da percepção de que precisamos do outro para nos constituirmos.

5.

Referências bibliográficas:

ASSOUN, P. **Lecciones Psicoanalíticas sobre Hermanos y Hermanas.**, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1998.

BENGHOZI, P. E FERÉS- CARNEIRO, T. **Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico** in *Casamento e Família: do social à clínica*/ Terezinha Féres Carneiro, ORG. Rio de Janeiro. NAU, 2001.

BRANT, J. **Na corda bamba da morte... ou da vida? – A criança e a insuficiência renal crônica** in *Psicanálise e Hospital- A criança e sua dor*. Marisa Decat de Moura (org). Belo Horizonte: Ed. Revinter, 1999.

BIRMAN, J. **Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos!** in *Função Fraternal*. Org. Maria Rita Kehl. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2000.

BIRMAN, J. **Fraternidades: destinos e impasses da figura do pai na atualidade.** *Physis*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jun. 2003 . Disponível em <<http://www.scielo.br/>

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOWLBY, J. **Separação: angústia e raiva.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRUSSET, B. **El vínculo fraterno y el psicoanálisis.** *Revista de Psicoanálisis*, v.44, n.2, 1987.

COSTA, J.F. **Playdoier pelo irmãos** in *Função Fraternal*. Org. Maria Rita Kehl.. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2000.

DOLTO, F. **No jogo do desejo- Ensaios Clínicos.** Trad: Vera Ribeiro. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

DOLTO, F. E NASIO, J.D. **A criança do espelho.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FAIMBERG, H. **O mito de Édipo revisitado** in *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, S (1914). **Sobre o narcisismo: Uma introdução** in *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XIV– Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S (1924). **A Dissolução do Complexo de Édipo** in *O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S (1909). **Romances Familiares** in *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* vol. IX, Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1976 Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.IX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S (1921). **Psicologia de grupo de análise do ego** in *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVIII – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S (1893- 1895). **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vo. II – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S (1912). **Totem e Tabu** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. II – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA ROZA, L. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

GOLSE, B. **O bebê, seu corpo e sua psique: explorações e promessas de um novo mundo (apego, psicanálise e psiquiatria perinatal)**. In: *O bebê, o corpo e a linguagem*. Cap.1, p.15-40. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JULIEN, P. **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KAËS, R; FAIMBERG, H... [et al.] **Transmissão da vida psíquica entre gerações.** Tradução de Claudia Berliner. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KAES, R. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005

KEHL, M. **Função fraterna.** Org: Maria Rita Kehl. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KEHL, M,R. **A fratria órfã – O esforço civilizatório do RAP na periferia de São Paulo** in *Função Fraterna*. Org. Maria Rita Kehl. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2000.

KEHL, M.R. **Lugares do feminino e do masculino na família** in *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares*, I/ organizadoras: Maria Cecília Mazzilli Comparato, Denise de Souza Feliciano Monteiro.- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KRUEL, S. **Uma verdade como estrutura de ficção – Psicanálise e o fantasma na prática hospitalar com crianças** in *Psicanálise e Hospital- A criança e sua dor*. Marisa Decat de Moura (org). Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1999.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938)** in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise/ Laplanche e Pontalis;** sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen – 4ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAGALHÃES, S. **Quando se cala uma criança** in *Quando uma criança precisa de análise?* / Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes, (org.)- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. – (coleção 1ª infância/ dirigida por Claudia Mascarenhas Fernandes Rohenkohl).

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MARTINS, D. **A criança e seu corpo como um universo de símbolos** in *Quando uma criança precisa de análise?* / Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes, (org.)- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. – (coleção 1ª infância/ dirigida por Claudia Mascarenhas Fernandes Rohenkohl).

MATUS, S. **Vínculo fraterno. Cuestiones acerca de la lei in “Hermanos”** Revista de la AAPPG. Bs Ar, abril 2001.

MERÉDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MOHALLEM, L. **Olhar como gesto...** in *Psicanálise e Hospital- A criança e sua dor*. Marisa Decat de Moura (org). Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1999.

MORETTO, M.L. **O que pode um analista no hospital?**- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ROUDINESCO E PLON. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUFO, M. **Irmãos – Como entender essa relação**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2003.

SANTA ROZA, E. **Um desafio às regras do jogo**. In: *E. Santa Roza & E.S. Reis(orgs), Da análise na infância ao infantil na análise(p.161-188)*. Rio de janeiro: Contra Capa, 1997.

TANIS, B. **A família atual, a constituição subjetiva da criança e a psicanálise** in *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares*, / organizadoras: Maria Cecília Mazzilli Comparato, Denise de Souza Feliciano Monteiro.- São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

WINNICOTT, D.W **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZORNIG, S. **A corporeidade na clínica: algumas observações sobre os primórdios do psiquismo** in *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.40, p.307-326, 2008.

6.

Glossário:

CTI – Centro de tratamento intensivo